

Tribuna Operária

da Luta

Cr\$ 300,00

ANO V — Nº 169 — DE 28 DE MAIO A 3 DE JUNHO DE 1984

Amigo leitor, este jornal custa Cr\$ 300,00 mas, se você puder, pague Cr\$ 500,00 para ajudar a reconstruir nossa sede destruída pelo terror fascista.

Manifesto oposicionista propõe Diretas-já de novo nas ruas



Figueiredo faz viagem de turismo à China e Japão

Nada explica a longa e cara viagem do general Presidente, exceto um total descompromisso com os problemas do país. Pág. 3

Documento assinado por Miguel Arraes, Alencar Furtado, Francisco Pinto, Dante de Oliveira, Haroldo Lima e mais dezenas de oposicionistas conclamam as oposições a retomarem a todo vapor a mobilização de massas pelas diretas. E recusa "qualquer entendimento ou negociação que resulte em abrir mão das diretas-já". O documento e o quadro oposicionista, na pág. 3.

A greve geral em debate no movimento sindical

R. Freitas opina sobre a proposta de uma greve nacional de um dia por eleições diretas-já e contra o arrocho nos salários. Página 5

EDITORIAL

Conversa com o vice

Exorcizar o fantasma de Paulo Maluf tem sido o pretexto para diversas articulações políticas. Fala-se em lançar um novo partido; especula-se com a idéia de um candidato "imbatível"; esboçam-se pactos entre candidatos, sempre alegando que isto tornaria inviável a escolha de Maluf no Colégio Eleitoral. Afirma-se que assim esse instrumento espúrio seria abandonado pelo regime... talvez aceitando as diretas-já.

É louvável a preocupação de impedir que um trombadinha chegue à Presidência. Mas é ingenuidade pensar que o assunto se resolva em conchavos de cúpula. Nesse terreno o governo leva vantagem. Nos gabinetes, às escondidas, é mais fácil aos poderosos exercer pressão através do SNI, do general Cruz e outros instrumentos de força. É mais fácil também corromper, distribuir privilégios, comprar os vacilantes. E, se não restar outra alternativa, fica aberto o caminho para uma alteração casuística das regras até então vigentes do jogo sucessório.

O que pode paralisar a máquina de chantagem do governo, encorajar o espírito oposicionista dentro do próprio PDS e reforçar a coerência dos democratas é a presença maciça do povo nas ruas. Fugir desta realidade, comprovada de forma inequívoca com a avalanche de comícios na campanha das diretas-já, é condenar-se ao fracasso.

Nesse sentido, não se pode combater *a priori* as iniciativas de políticos da oposição que buscam entendimentos com Aureliano Chaves no período de presidência interina. É compreensível que se faça pressão para que o vice-presidente transforme as suas declarações em favor das diretas-já em ação concreta pela sua conquista.

Mas por que as oposições não se apresentam unidas neste diálogo? Por que não se escolhe um interlocutor ou mesmo uma comis-

são que fale em nome dos comitês suprapartidários, das entidades e partidos democráticos, do grupo pró-diretas do PDS? Desta forma, ao invés de cada tendência tratar as coisas do ponto de vista dos interesses menores, de grupo ou até de pessoas, ter-se-ia uma representação que falaria em nome dos milhões que foram aos comícios. Uma delegação deste tipo teria por outro lado a obrigação de apresentar ao povo os resultados das consultas para debater os novos passos.

Este deveria ser o procedimento de quem está interessado de fato em coordenar sua atividade com as amplas massas e ajudar a mobilizá-las. Este encaminhamento evitaria que as oposições se dividissem e que cada setor tentasse usar a sucessão para seus propósitos particulares.

Além disto, não custa alertar que conversar com Aureliano é muito diferente de negociar com o regime. Este não quer e não tem o que negociar. Fala em negociação mas quer impor seu ponto de vista e manobra para conseguir uma solução continuísta na sucessão.

Nesta situação, fora da luta contra o regime, com a mobilização de massas como carro chefe, não existe alternativa para sair do impasse. Uma simples manobra para tirar Maluf da jogada não resolve. O problema da nação é livrar-se das pragas do arbítrio, da corrupção e do entreguismo, que assaltaram o poder com o golpe de 1964. Para isso os acertos de bastidores são insuficientes. Urge trilhar o caminho da democracia, que implica necessariamente na participação popular — tanto nas manifestações públicas como em qualquer entendimento que venha a se fazer necessário para a conquista da bandeira das diretas-já. Se o Sr. Aureliano Chaves se dispuser a seguir este rumo, melhor para o país, e para ele próprio.

Operários, camponeses, democratas garantem o apoio à TO

A solidariedade política e financeira à Tribuna Operária é a resposta mais vigorosa aos fascistas que atacaram o jornal. Mande também o seu apolo. Pág. 7



No lançamento da chapa, mais de 2 mil metalúrgicos presentes

Metalúrgicos de São Paulo defendem a Unidade na Luta

Deflagrada a campanha eleitoral no maior Sindicato do país: os operários estão com a Chapa. Página 5



Cortador de cana de Ribeirão Preto: agora eles despertaram

Guariba marcou uma nova fase na luta dos assalariados

Trabalhadores rurais de São Paulo e Goiás, após as greves de maio, põem-se de pé por seus direitos. Pág. 8

Aliança internacional agressiva no Golfo Pérsico

Na guerra entre Irã e Iraque as potências imperialistas aliam-se aos iraquianos para sufocar o Irã no conflito do golfo Pérsico. Pág. 2



Exército iraquiano: aliado pelos EUA e URSS

Resistência alemã à exploração capitalista

O ano de 1984 tem apresentado um avanço das lutas dos operários europeus. Depois de três anos de recessão e tenaz desemprego, a classe vai aprendendo a lutar. Um exemplo destacado ocorre na Alemanha. A luta pela redução da jornada diária de trabalho para 35 horas empolga os trabalhadores e vai se transformando numa vigorosa campanha.

A luta pela redução da jornada de trabalho tem grande peso histórico para a classe operária. Continua sendo uma questão chave, que manifesta claramente o conflito entre o capital e o trabalho. O patrão quer sugar ao máximo, quer explorar ao máximo. O operário procura defender sua saúde, reduzir o tempo de trabalho, pois sabe que não é dele a maior parte dos frutos de seu trabalho.

A crueldade da exploração capitalista do trabalho reside num fato simples: os trabalhadores não ganham pelo que produzem, ganham apenas o suficiente para permanecer vivos, ativos e se reproduzirem. Um trabalhador, por exemplo, pode dar um lucro médio para um patrão de 200 mil cruzeiros e receber 100 mil cruzeiros de salário. Se ele for "apertado" por um capataz para produzir mais intensamente, poderá render mais de 200 mil cruzeiros, ganhando o mesmo salário. Outra forma clássica, muito usada pelos patrões nas épocas de muito desemprego, é simplesmente rebaihar os salários, enquanto mantém ou aumenta as horas trabalhadas por dia.

EXÉRCITO DE RESERVA

Todas essas formas de exploração foram usadas intensamente na Alemanha, agravadas por dois fatores: a recessão econômica e a automação industrial. Com a recessão, de 2 a 3 milhões de alemães formaram um contingente de desempregados. Esse exército causa uma rebaixa no mercado de trabalho, os que estão trabalhando sofrem a constante pressão dos desempregados que aceitam qualquer salário



A luta pela jornada de 35 horas empolgou a classe operária alemã

para voltar a trabalhar. A automação também deprime o mercado de trabalho, não apenas porque substitui mão-de-obra humana, mas também acelera violentamente as linhas de produção levando os operários a regimes desumanos de trabalho.

A indústria alemã é das mais modernas do mundo e das mais concentradas. Além disso é a segunda do mundo na implantação da automação. Só o Japão está ainda mais avançado.

Tudo isso ajuda a entender a feroz luta que se trava na Alemanha. A jornada de 40 horas é hoje, com as máquinas e pressões da crise, equivalente a 45 horas ou mais. A redução de 5 horas por semana obrigaria os empresários a contra-



tar mais mão-de-obra, para manter o nível de produção. Pelos cálculos dos comunistas alemães, os patrões teriam que contratar mais de 2,5

milhões de trabalhadores, pouca coisa menos do que o número de desempregados. É por isso que a luta vai pegando fogo.

A cruzada anti-Irã no golfo Pérsico

Uma poderosa aliança está sendo formada para intervir no conflito Irã-Iraque. O pretexto é a defesa do golfo Pérsico contra o Irã, que está atacando os navios que circulam no golfo, em represália ao bloqueio que o Iraque lhe impôs no seu principal escoadouro de petróleo, na região da ilha de Kharg.

Em meados de maio os seus países que integram o Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico — Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Omã, Qatar e Ku-

wait — pronunciaram-se contra "as agressões iranianas, que perturbam a navegação de e para os portos dos países membros do Conselho". Esses países, contudo, sempre manti-

veram o mais absoluto silêncio em relação aos ataques promovidos pelo Iraque na área.

REGIÃO ESTRATÉGICA

Imediatamente os Estados Unidos fizeram ouvir seu posicionamento: John Hughes, do Departamento de Estado ianque afirmou que o golfo Pérsico "é uma zona de interesse para os EUA e o presidente Reagan já deixou claro que está sempre pronto para agir em defesa de nossos interesses vitais". Dando sequência ao coro anti-Irã, o ministro das Relações Exteriores do Kuwait, Sabah Al Ahmad Al-Sabah, declarou que seu país "não poderia se opor a uma intervenção militar estrangeira, pois as águas do golfo são internacionais, e não do Kuwait, de Omã, Catar e muito menos dos árabes", dando assim aval a uma ação dos marines de Reagan na área.

Os social-imperialistas soviéticos, por seu turno, também apoiaram o posicionamento do Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico. A

URSS é uma das fornecedoras de armas do Iraque, a quem concede também "dinheiro a taxas de juros muito boas", segundo o presidente iraquiano, Saddam Hussein.

A região do golfo Pérsico é uma das mais tensas do globo. Área de fundamental importância econômica — por ali passa um sexto do petróleo produzido no mundo, excluídos os países ligados à União Soviética, o que equivale a 6 milhões e 600 mil barris diários de óleo cru. No golfo estão estacionados navios de guerra dos EUA, Grã-Bretanha e da França. Só a Marinha norte-americana tem porta-aviões no Mar da Arábia e cinco destróieres no golfo. Além disso, os Estados Unidos têm acordos militares com Omã, Quênia, Somália e pressiona, no atual conflito, para instalar bases também na Arábia Saudita. O subsecretário de Estado ianque, Richard Murphy, já se deslocou para a área, visando estreitar as relações de seu país com os governos locais.

RESPOSTA IRANIANA

Há quatro meses o Iraque mantém um virtual bloqueio à ilha de Kharg, por onde o Irã exporta cerca de 90% de seu petróleo. Nesse período, pelo menos 19 navios iranianos e de outros países foram atacados pelos iraquianos. No sábado, dia 19, o navio cargueiro panamenho "Fidelity", que transportava aço da Espanha ao Irã, foi afundado por mísseis disparados pelos caças do Iraque. Hachemi Rafsanjani, presidente do Parlamento do Irã, destacou que "quando nossos navios são atingidos, todos ficam em silêncio. Mas quando nós começamos a dizer que o golfo Pérsico deve ser seguro para todos ou para ninguém, eles começam a opor objeções". Rafsanjani ainda afirmou que a continuação da guerra com o Iraque só beneficia as superpotências.

A nível da economia mundial, o resultado imediato do novo recrutamento do conflito no golfo foi a alta do ouro, prata, dólar, ações das companhias petrolíferas e no preço do óleo no mercado livre. O barril de óleo ultrapassou o preço de referência da Opep, fato que não ocorria há mais de dois anos.

Os soldados iranianos e o petroleiro atacado pelo Iraque, no golfo Pérsico



Princípios

Revista teórica, política e de informação

MAIO/1984 Cr\$ 2000,00



O TROTSKISMO CORRENTE POLÍTICA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

O FREUDISMO E OS "FREUD-MARXISTAS"

O MARXISMO, DOCTRINA VITORIOSA E IMORTAL

O PAPEL SOCIAL DA ARTE PROGRESSISTA

8

EDITORA ANITA GARIBALDI

Saiu a revista Princípios!

O Trotskismo — corrente política contra-revolucionária: artigo do veterano dirigente comunista João Amazonas criticando, de um ponto de vista marxista-leninista, as teorias falsas de Trotsky e seus seguidores.

Em defesa da liberdade — discurso histórico de Maurício Grabois contra a cassação dos mandatos dos deputados comunistas em 1948.

O papel social da arte progressista — informe do eminente teórico marxista-leninista, Andrei Zhdanov, companheiro de Stálin, no curso de um amplo debate na União Soviética, no imediato pós-guerra, sobre a arte.

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., com envio de cheque nominal no valor de Cr\$ 2.000,00.

ATENÇÃO: NOVO ENDEREÇO DA EDITORA ANITA GARIBALDI: Av. Brigadeiro Luís Antônio, 317, sala 43 — CEP 01317 — Fone: 34.0689.



Ajude a Tribuna Operária

Trabalhador. Democrata. Responda ao ataque dos fascistas à Tribuna Operária. Faça uma assinatura do jornal. Se não puder fazer a assinatura de reconstrução, faça uma assinatura simples. Precisamos de apoio político e material.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

☐ Assinatura de Reconstrução: Cr\$ 30 mil

- ☐ Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 20.000,00
- ☐ Anual comum (52 edições) Cr\$ 10.400,00
- ☐ Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 9.000,00
- ☐ Semestral comum (26 edições) Cr\$ 4.500,00
- ☐ Anual no exterior US\$ 70,00

Nome:

Endereço:

Bairro: Cidade:

Estado: CEP:

Profissão: Data:

CDM Centro de Documentação e Memória Maurício Grabois

Figueiredo faz turismo do outro lado do mundo

O general Figueiredo realiza um novo "passeio turístico", desta vez ao Japão e à China. Nos 12 dias que ficará fora do país, ele pouco fará de concreto. Exatamente no momento em que a nação vive uma situação de impasse político e o Planalto fala traiçoeiramente em negociar com as oposições, o chefe da "gang" se ausenta, abandonando o país.

Nun flagrante desrespeito ao povo, que acompanha atentamente as discussões sobre a sucessão presidencial, Figueiredo e sua numerosa comitiva se deleitam com as mordomias de viagem. Com esta atitude, fica mais uma vez evidente que o país está desgovernado, nem presidente possui.

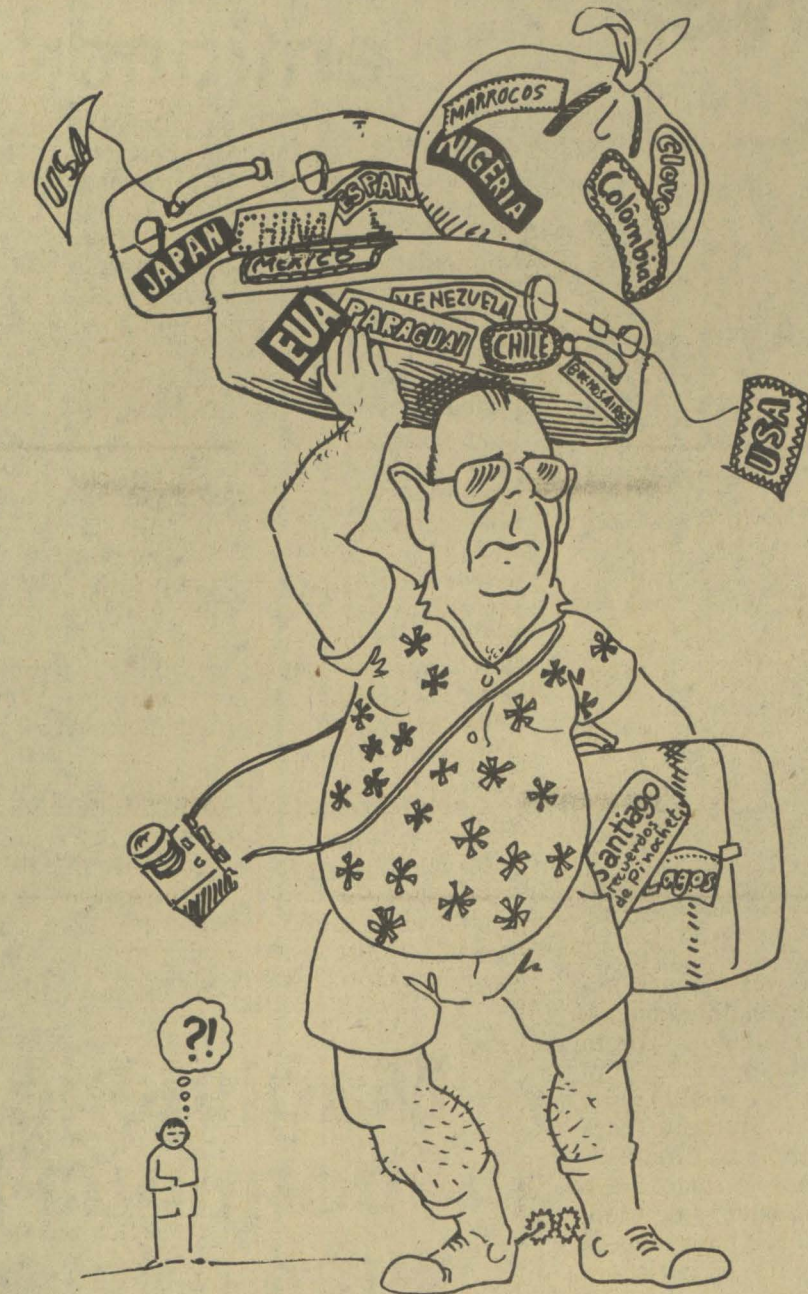
Para não deixar no comando da nação o seu vice-presidente e desafeto, Aureliano Chaves, pela primeira vez Figueiredo não leva a tiracolo os seus dois mais íntimos conselheiros: o general Otávio Medeiros, ministro-chefe do famigerado SNI; e o general Danilo Venturini, chefe do Conselho de Segurança Nacional e ministro de Assuntos Fundiários. A eles ficou incumbida a missão de vigiar Aureliano e as negociações em curso. E prova de seu apreço aos homens das casernas, Figueiredo, num ato falho, ainda beijou a mão do general Medeiros na sua despedida.

Figueiredo é o presidente brasileiro recordista em viagens ao exterior. Esta, ao Oriente, é a 25ª. Depois de 14 anos encastelado nas dependências oficiais de Brasília, Figueiredo não gosta de ficar na capital federal. Além de suas constantes viagens internacionais, o presidente já se ausentou mais de 300 vezes de Brasília e o Gabinete Militar recusa-se a divulgar o total destas horas de vôo.

Os gastos destas viagens são fantásticos. E só para este ano, segundo dados do jornal "O Estado de São Paulo", são calculados em Cr\$ 4,5 bilhões (o equivalente a 46.400 salários mínimos).

Estes passeios às custas do povo brasileiro agradam não só a Figueiredo mas a um magote de pessoas "chegadas" ao poder, conhecidas como os "caronas". Ainda segundo OESP, elas viajam sem constar da lista de integrantes oficiais das comitivas e não enfrentam a burocracia alfandegária nem na ida nem na volta. Além de ministros, assessores, seguranças, são levados também garçons, cabeleireiros, manicures etc.

A isenção alfandegária é uma grande vantagem para os acompanhantes dessas tournées internacionais. Quando da volta de Figueiredo de Cleveland, EUA, o avião da Varig fretado pelo Palácio do Planalto veio tão



abarrotado de mercadorias que o comandante da aeronave reclamou. Comenta-se em Brasília que onde se compra aparelhos de videocassetes mais barato é no palácio do governo. Nesta mesma viagem o deputado José Camargo, amigo pessoal do presidente, trouxe em sua bagagem um equipamento completo para montagem de uma estação de rádio no interior de São Paulo.

MORDOMIAS E PRESENTES

Sempre que uma comitiva chega em Brasília kombis e caminhões da Presidência da República encostam na pista para descarregar a bagagem de Figueiredo e dos ministros e enviá-la diretamente para suas residências.

Nestas viagens o presidente Figueiredo recebe muitos presentes. Depois de sua histórica frase em que dizia preferir o cheiro de cavalo ao cheiro de povo, ganhou vários espécimes deste quadrúpede. O ditador chileno Pinochet ofertou-lhe um; o general Videla, da Argentina, foi mais generoso e presenteou-o com dois — transportados também por avião. O ex-presidente da Venezuela, Herrera Campins, foi mais esperto: deu-lhe um verdadeiro cavalo de

Tróia, um pangaré que passou por puro sangue, conforme descreveram especialistas.

Para as viagens internacionais o governo freta um avião DC 10 da Varig e mais alguns aviões da FAB. Um fretamento destes fica em torno de 150 mil dólares — como foi o caso da viagem à África.

Já se tornaram famosas as extravagâncias cometidas pelas comitivas presidenciais em suas viagens. Em fevereiro de 1981, durante a estadia em Paris, o empresário Ricardo Amarel faturou quantias fabulosas com os gastos da comitiva presidencial na sua nova boate, "Le 78". O coronel Nobre da Veiga, então presidente da Funai, foi uma das figuras de mais destaque na noite parisiense.

Assim como esbanjam em suas viagens, os governantes são "comedidos" quando políticos vão lhes fazer pedidos. Certa vez, em João Pessoa, na Paraíba, quando prefeitos e parlamentares fizeram uma série de reivindicações, o presidente enfiou as mãos nos bolsos, puxou-os para fora da calça e exclamou: "Estão vendo aqui? Não tenho nenhum tostão. O governo está do mesmo jeito". A história não colou...

Guedes defende candidato de unidade oposicionista

O deputado José Luís Guedes (PMDB-MG) defendeu, na Câmara Federal, a tese de uma candidatura única das oposições para a Presidência da República, criticou o Colégio Eleitoral e defendeu a continuidade da campanha pelas diretas-já. Para ele as eleições no Clube Militar demonstraram o isolamento do regime. Os principais trechos de seu pronunciamento:

"Para que possamos chegar unidos até as eleições diretas, é fundamental a defesa intransigente do candidato único das oposições. Não cabe alimentar projetos pessoais. Cabe, isto sim, é criar as condições de se obter uma expressiva vitória que leve à liquidação definitiva do regime militar. Por isso mesmo é que esse candidato único das oposições deve ser um candidato saído de uma poderosa convenção nacional, da qual participariam todos os partidos políticos de oposição ao regime, inclusive os que atualmente atuam na ilegalidade, além de representantes da sociedade civil. Com isso, esse candidato teria o respaldo de toda a sociedade e estaria diretamente comprometido com ela e com as propostas resultantes do debate político travado nas ruas. Seria um candidato comprometido com o que quer e exige o povo brasileiro.

"É preciso criar as condições para enterrar definitivamente o Colégio Eleitoral e tudo o que ele representa. O Colégio Elei-

toral só será enterrado com as eleições diretas. Qualquer outra proposta poderá, no máximo, arranhá-lo. Não será a existência de um tal candidato de consenso, ou mesmo a heróica abstenção de alguns puros do Colégio Eleitoral que irá fazer com que ele morra. O que é preciso é manter a unidade das oposições em torno da bandeira das eleições diretas e mobilizar o povo para conquistá-la.

RUPTURA COM O REGIME

"O isolamento e o desgaste do atual governo ficou visível até mesmo no seio das Forças Armadas. As eleições do Clube Militar deixaram evidente que hoje existe uma clara divisão nas Forças Armadas brasileiras. O significativo percentual de votos obtido pela chapa oposicionista, aliado aos elevados e inesperados índices de abstenção, deixam evidenciado que os militares brasileiros estão divididos em relação à política adotada pelo atual governo. Essas evidentes rachaduras no meio militar, aliadas ao crescimento



José Luís Guedes, do PMDB de Minas

das mobilizações populares e ao caráter explosivo da crise social deixam patente a necessidade imperiosa de se buscar uma mudança desse regime. (da sucursal)

Só o povo nas ruas para unir a oposição

A imprensa noticia mil fracturas dentro da oposição — e de fato a ausência momentânea do povo nas ruas favorece uma certa dispersão, embora não haja ainda blocos cristalizados e prevaleça a indefinição. A volta das manifestações populares é que pode impedir a divisão dos democratas, paralisar as vacilações e manobras de conciliação com o regime.

A despeito da situação ser fluida e em movimento, pode-se divisar certas tendências que se esboçam entre os oposicionistas.

Há os mais vinculados ao movimento popular, preocupados em romper com a passadeira perda de ritmo da campanha das diretas-já, como os numerosos parlamentares que na quarta-feira dia 23 lançaram um abaixo-assinado dirigido ao PMDB (veja o box ao lado). O deputado Haroldo Lima, vice-líder do PMDB e um dos que encabeçam o manifesto, comenta: "A intenção deste documento é fazer com que o conjunto do PMDB se defina pela continuidade da luta pelas diretas-já e, mais do que isto, se comprometa em intensificar as mobilizações populares para conquistarmos a vitória. Só assim o partido estará atendendo aos apelos emitidos nas praças públicas e isolando as propostas conciliadoras."

No mesmo sentido atua Jarbas Vasconcelos, signatário do documento e presidente da comissão mista que examina a emenda Figueiredo no Congresso Nacional. Para facilitar a participação de massas, ele busca contato com as entidades democráticas e populares, colhendo idéias.

Esta atividade está em consonância com as forças operárias e populares, que persistem na luta por eleições diretas-já, consideram a mobilização de massas como o instrumento principal para alcançar a vitória, advogam a escolha de um candidato único das oposições para o pleito direto — escolhido em convenção dos partidos legais e ilegais, das entidades e organizações populares — e tratam de se unificar em torno de um programa básico de caráter democrático. O PC do Brasil é defensor ardoroso desta política, para buscar a unidade de todos os oposicionistas.

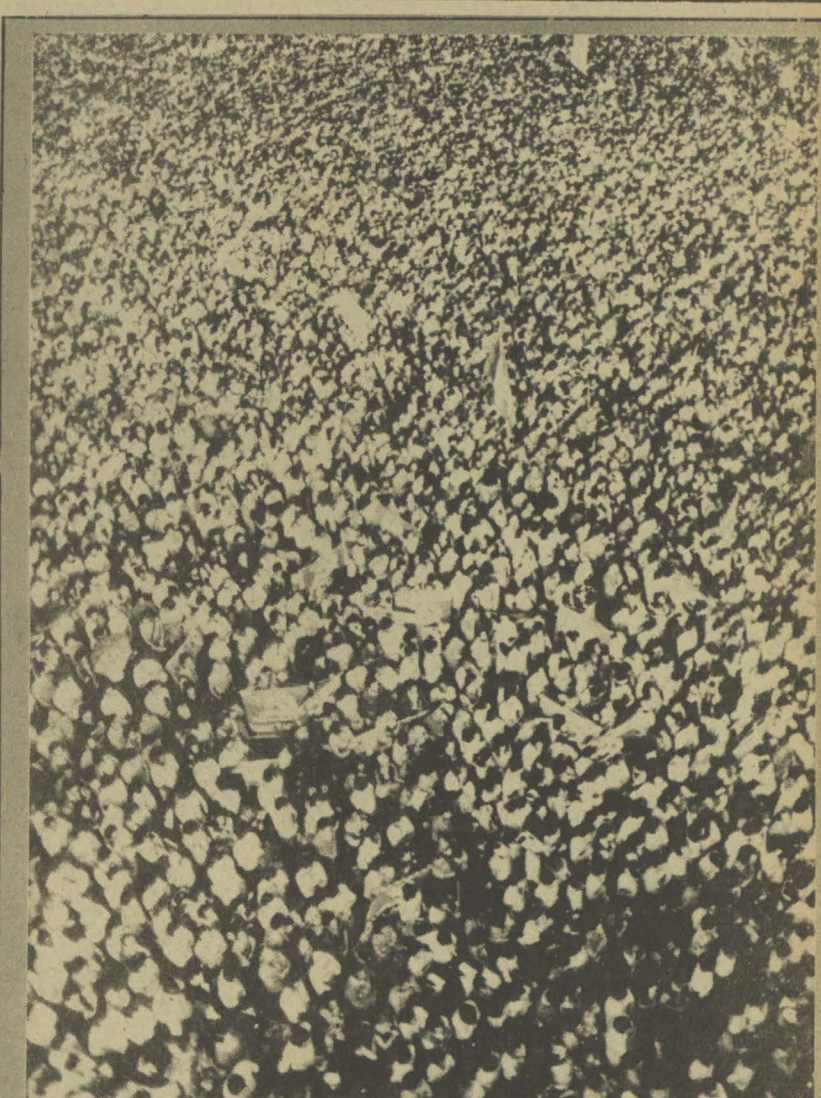
VACILAÇÕES E CONCHAVOS

Outros segmentos democráticos, embora declarem-se intransigentes defensores das diretas-já, não jogam o peso que podem na mobilização. Não sentem segurança em atuar junto com as mais amplas forças oposicionistas para enfrentar o regime. Revelam certa desconfiança na capacidade popular. E de certa forma temem perder o prestígio que angariaram nos grandes comícios. O deputado Ulysses Guimarães, por exemplo, teria condições de interferir com muito mais destaque na retomada das manifestações.

Há outros que condicionam a volta às ruas à escolha de um candidato único das oposições. Não buscam a convocação de novos comícios, embora tampouco se digam contrários a eles. De certa forma os governadores Franco Montoro e Leonel Brizola espelham esta posição, repetindo vacilações que já vêm da primeira fase da campanha pelas diretas.

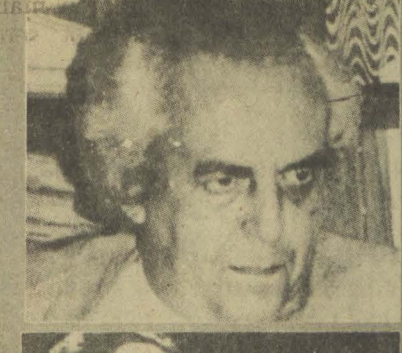
Por fim, os eternos conciliadores voltam à carga, agora com a esdrúxula idéia de um candidato ambivalente, fazendo juras pelas diretas mas se articulando para o Colégio Eleitoral. Estes freiam a mobilização popular. E só vêem chance nos acordos de bastidores. Tancredo Neves já declarou que seu nome vale tanto para diretas como para indiretas. Persistindo neste rumo, só conseguirá maior desgaste. É ilusório pensar que o regime aceitará seu nome como candidato de consenso.

Figueiredo já mostrou que não abre mão de um homem do regime para sucedê-lo. As massas nas ruas, que têm condições de reaglutinar estas tendências, impulsionando os democratas sinceros e paralisando os conciliadores. Nos grandes comícios, a palavra-de-ordem "Fora Figueiredo, diretas-já" uniu a oposição e ainda levou



Os grandes comícios, "instrumento fundamental para as diretas-já"

Chamamento à retomada da luta



Miguel Arraes, Jarbas Vasconcelos, Alencar Furtado, Chico Pinto, Dante de Oliveira e Haroldo Lima encabeçam a lista

Preocupado com a indefinição política do PMDB em relação à campanha pelas diretas-já e em relação à sucessão presidencial, um grupo de parlamentares federais do partido articulou um documento a ser encaminhado pela bancada para a direção nacional com o objetivo de firmar uma posição clara e definida sobre alguns pontos centrais do atual momento político. Encabeçado pelos deputados Miguel Arraes, Jarbas Vasconcelos, Alencar Furtado, Francisco Pinto, Dante de Oliveira e Haroldo Lima, o documento já recebeu mais de 40 adesões. Nesta próxima semana ele será entregue formalmente ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

O documento entre outras coisas defende a retomada das mobilizações de massas, reafirma a defesa da bandeira das diretas-já, rejeita negociações que protelem a conquista das diretas-já e aponta para a necessidade de um candidato único das oposições para disputar a eleição direta.

O deputado Jarbas Vasconcelos, presidente da comissão mista que examina a emenda de Figueiredo e um dos signatários do documento, acredita que este posicionamento do PMDB será decisivo para a conquista das diretas-já: "O PMDB precisa deixar claro para toda a nação que não abre mão das diretas-já e acredita na força da mobilização popular. Este é o caminho que deve ser percorrido pelas oposições".



aos palanques setores expressivos do PDS.

Tornou-se necessário vencer também a insegurança de alguns oposicionistas que, ao invés de apostar na força do povo e na conquista das diretas, trocam a campanha de massas por declarações de que não comparecerão ao Colégio Eleitoral. Ora, o que está em pauta hoje não é ficar fora do Colégio, mas acabar a todo custo com este instrumento espúrio. O erro a ser evitado por meio da ação energética das massas é a conciliação com o regime. Ao mesmo tempo que esfor-

çam-se para voltar às ruas, as forças populares têm necessidade urgente de elevar o seu grau de organização e unidade. Até o momento as massas operárias e populares agiram com pouca coordenação. Cada setor tratou de abrir caminho um pouco por conta própria. Com base na campanha, discutindo um programa básico de conteúdo democrático e antiimperialista, e buscando um candidato unitário das oposições, é possível avançar na unidade popular, conquistando maior representatividade e maior eficiência na ação. (Rogério Lustosa)

Canavieiros de Goiás ameaçam com nova greve

Uma nova greve dos cortadores de cana poderá estourar brevemente no sudoeste de Goiás. A revolta é contra a manobra dos patrões que acataram a volta do sistema de cinco linhas, mas diminuíram o preço do metro da cana cortada. No município de Goianésia, os trabalhadores rurais realizaram uma assembleia dia 19 e constituíram uma comissão de mobilização para enfrentar os usineiros.

A volta do sistema de cinco linhas no corte de cana foi uma conquista efetivada após a greve dos canavieiros do município de Santa Helena. A greve encerrou-se dia 17 de maio, depois que os usineiros prometeram atender todas as reivindicações dos trabalhadores, principalmente o fim do sistema de sete linhas. Entretanto, no dia 19, trabalhadores rurais descobriram a trapaça dos patrões: o metro da cana cortada foi rebaixado de Cr\$ 180,00 para Cr\$ 90,00.

JORNADA DE 13 HORAS

Os trabalhadores temporários (*bóias-frias*), são cerca de 1 milhão em Goiás e concentram-se principalmente no sudoeste do Estado. São originários em geral de outras regiões, principalmente do Nordeste e vivem numa situação de extrema miséria. A reportagem da **Tribuna Operária** esteve no município de Santa Helena, no dia em que os canavieiros estavam em greve e



Foto: Sucursal de Goiás

José Campos saía de madrugada a cavalo, chamando seus companheiros para participar dos piquetes

constatou a extrema exploração a que são submetidos.

O garoto Manoel Agostinho, de 14 anos, trabalha há quase um ano no corte de cana. Ele acorda às 5 horas da manhã, todos os dias, e retorna do trabalho às 18 horas. "O serviço é pesado, mas é o jeito; se a gente não trabalhar, morre de fome", explica Manoel. Ele conta que não estuda porque "não sobra tempo" e todo o dinheiro que recebe é para "ajudar em casa". Toda a família do menor participou da greve. "Foi grande a

alegria quando conquistamos a volta das cinco linhas", comenta o jovem assalariado.

Cada trabalhador volante tem um drama pessoal para contar, pois sua vida é marcada pelo sofrimento e pela tragédia. Seu Cosme Cassimiro de Faria, 60 anos, aposentado, foi operado no final do ano passado e depois disso não pôde mais trabalhar. Embora possuísse carteira assinada, não recebeu nenhum benefício da empresa na qual era empregado. "Adoei, fui operado e não pagaram nem a minha operação. Quem está sustentando a casa é a minha esposa, Maria Pereira de Faria, que tem 53 anos e colhe algodão", afirma seu Cosme.

Dona Maria está sentada ao lado de seu esposo e conta ao repórter que antes conseguia trabalhar muito: "Hoje eu apanho pouco algodão. De quatro arrobas pra baixo. Eu já trabalhei no corte de cana, mas tive que deixar por problemas de saúde. Uma vez eu desmaiei cortando cana. Fiquei quatro dias internada. Os quatro meses que trabalhei não recebi nada de direito".

PAPEL DOS SINDICATOS

Diante destas arbitrariedades, os trabalhadores volantes estão procurando se orga-

nizar. É cada vez maior o número de trabalhadores que se filiam ao Sindicato. "Assim como nós usa o podão para cortar cana, do mesmo jeito a gente usa o Sindicato para zelar pelos nossos direitos". Quem faz esta afirmação é o trabalhador volante, José Campos, 42 anos. Ele foi uma peça importante para a vitória dos canavieiros grevistas de Santa Helena. Seu José acordava às 3 horas da manhã e percorria a cavalo a casa de seus companheiros, despertando-os, para participarem dos piquetes organizados pelo Sindicato.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (Fetaeg) tem contribuído muito para a organização dos assalariados rurais. O seu presidente, Amparo Sasil, criticou severamente o sistema de sete linhas, pois "só beneficia os patrões. O trabalhador não resistirá trabalhar dessa forma". O assessor jurídico da Fetaeg, Ismar Pires, acrescenta: "Os *bóias-frias* suportavam uma exploração desenfreada, praticamente sem esboço uma grande resistência. Hoje, essa situação mudou muito e os trabalhadores partem para a luta para reivindicar os seus direitos e lutar contra a exploração." (da sucursal)

Deputado do PDS invade sede de entidade a tiros

O deputado federal do PDS baiano, Ney Ferreira, invadiu na segunda-feira, 21, a sede da Federação das Associações de Bairros de Salvador, FABS, e arrancou, na Praça Municipal, o painel com os nomes dos parlamentares pedessistas baianos que foram contra a emenda das diretas-já, inclusive o seu.

Visivelmente embriagado, acompanhado por três capangas, o deputado agrediu o coordenador da entidade, José Alves, e dois outros participantes de uma reunião da comissão de saúde da entidade, Iglesias Caballero e Sílvia Leal. Ao invadir a sede da FABS, o deputado disparou alguns tiros, quase atingindo Vera Lúcia Menezes, mãe de três filhos e que se encontra grávida. Ferreira e seus capangas quebraram cadeiras e espancaram participantes do debate na entidade.

Completamente descontrolado, Ferreira dirigiu-se, juntamente com seus capangas, para a Praça Municipal onde, ainda dando tiros para o ar, mandou retirar o painel das diretas inaugurado no início do mês pelo deputado Dante de Oliveira.

Em sessão realizada na terça-feira, a Câmara de Vereadores aprovou, sem os votos do PDS, moção do vereador Ney Campello, do PMDB, considerando Ferreira *persona non grata* em Salvador. O presidente da Câmara, Ignácio Gomes, entrou com pedido de apuração rigorosa do incidente na Secretaria de Segurança Pública: A direção da FABS também foi à Justiça. E a Câmara Federal emitiu nota oficial condenando a atitude do parlamentar pedessista. O painel das diretas voltou ao lugar de origem, carregado pelos vereadores do PMDB.

A atitude de Ney Ferreira revela o desespero dos pedessistas baianos por terem contribuído com o maior número de votos para a derrota da emenda Dante de Oliveira: 21 parlamentares. Além disso, Ferreira é conhecido na Bahia por sua truculência, já tendo sido acusado inclusive de estupro de duas moças, segundo o "Jornal da Bahia". E em março de 1977, ele invadiu a Câmara de Vereadores à procura do vereador Murilo Leite. Não o encontrando, agrediu o vereador Agenor Oliveira. (da sucursal)

Magistério paulista continua luta por suas reivindicações

Após ter realizado a maior greve de sua história, o magistério paulista entrou num novo tipo de mobilização, pressionando o governo do Estado a cumprir o acordo para garantir as conquistas da categoria: as cinco referências e o tempo corrido.



A professora Lillian Martins

Ocorre que as duas reivindicações implicam aprovação de mensagem governamental pelo Legislativo. O governo mostrou-se lento no seu envio. Por outro lado, a mensagem referente à contagem de tempo corrido não atendeu as exigências dos professores. Estabeleceu que a contagem só seria válida a partir de 1978. Nesta data houve concurso público, e a maioria dos professores que então ingressaram no magistério passou, portanto, a ser efetiva, com direito a tempo corrido. Os docentes que até então eram contratados como provisórios é que não tinham esse direito. E continuaram não o tendo.

Profundamente insatisfeito, o magistério realizou um ato público no dia 16 de maio em frente à Secretaria de Educação. Ao invés de ouvir o que o professorado tinha a dizer, o Secretário da Educação baixou uma portaria proibindo a utilização das escolas para reunião dos professores. Essa postura, aliada a outras posições impensadas e intempestivas de Paulo de Tarso, acabou culminando com sua substituição no secretariado.

UNIR O FUNCIONALISMO

O novo momento de mobilização do magistério implica construir a unificação do funcionalismo, condição essencial para a conquista de um reajuste para julho que atenda funcionários e professores. Aliás, no dia 7 de maio, as 54 entidades do funcionalismo reuniram-se para reivindicar um índice que reponha as perdas da categoria entre julho de 83 e julho deste ano, mais 100% do INPC no período. A unificação já é a primeira vitória da campanha salarial do funcionalismo.

O governo Montoro precisa agora encontrar as formas de atender essas justas reivindicações. Nem os mais acirrados adversários do governo estadual negam que há escassez de recursos. Porém isso não pode servir de pretexto para um índice que avilte ainda mais o nível salarial dos funcionários públicos. Por outro lado, é importante que os funcionários organizem a campanha imprimindo-lhe um caráter político, sabendo combinar a luta salarial com a luta geral de todo o povo pelas diretas-já. (Lillian Martins - membro da comissão de negociação pela Apeoesp)

Professores mobilizam-se em Fortaleza

Cerca de 40 mil professores da rede oficial do Ceará estão em estado de paralisação desde o dia 18. Os professores de 1º e 2º graus reivindicam, entre outras coisas, aumento salarial, reajuste semestral e eleição dos diretores nas escolas.

A situação do professorado cearense é crítica. O salário médio de um professor corresponde a menos da metade do atual salário-mínimo, cerca de Cr\$ 45.000,00.

Na terça-feira, 22, a APOC, Associação dos Professores da Rede Oficial do Ceará, promoveu uma caminhada ao Palácio do Governo, que contou com a participação de 10 mil professores, além de pais e alunos que apoiaram o movimento. O vice-governador alegou que a situação orçamentária do Estado é complicada e que mesmo as empresas particulares não têm como pagar o novo salário-mínimo a seus empregados. E prometeu dar uma resposta às reivindicações dos professores até a segunda-feira, dia 28 de maio. (da sucursal)

Deputado critica impunidade no escândalo de Sergipe

O caso da negociata envolvendo o ministro Mário Andreazza na compra do voto do governador sergipano João Alves para o Colégio Eleitoral (veja TO Nº 167) continua repercutindo nos meios políticos. O deputado Nelson Araújo, presidente do PMDB de Sergipe, afirmou não se surpreender mais com os escândalos que envolvem ministros ou parlamentares palacianos, pois esta é a regra. "O que me deixa indignado", disse o deputado, "é a falta de ética ao negociar com a coisa pública".

Ao ser questionado sobre a

repercussão deste escândalo, o deputado disse que foi como os outros escândalos do país, em que a oposição denuncia, a imprensa divulga e a impunidade reina. "A imprensa sergipana ainda não tem dado cobertura a esse escândalo — explica Nelson. Mas, ao tentar tapar o sol com a peneira, todo o povo está sabendo. O que esperamos é que o Ipase-Al não homologue a concorrência caso contrário o deputado Moacyr Andrade (PMDB Alagoas) entrará com ação popular pedindo a anulação da eleição".

(da sucursal)

Protesto contra grilagem na Bahia

Empresas reflorestadoras e alguns fazendeiros estão grilando terras no município de Correntina, no interior da Bahia, prejudicando centenas de posseiros-criadores que se utilizam de pastagens coletivas, conhecidas como *fechos*. Já houve conflitos e os jagunços das reflorestadoras chegaram a derrubar cercas dos *fechos*.

Esta denúncia foi feita na semana passada, em Salvador, por 13 lavradores — representando quase 500 companheiros —, acompanhados do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntina. Eles estiveram em audiência com o governador reivindicando a legalização dos *fechos*.

Os grileiros agem com a connivência de funcionários de cartório e juizes de direito e se utilizam da velha prática de "retificação". Seu Algeni Barbosa de Souza, o *Lilica*, é uma das muitas vítimas dessa "retificação". Ele tem um fecho na localidade de Toledo, distante 25 quilômetros da fazenda São Gonçalo, onde um dos

herdeiros de Manoel José da Silva tinha 50 hectares. Essa área foi transformada, com a connivência e a interferência, com 13.850 hectares. Esta "retificação" atingiu cerca de 70 criadores.

A maioria dos "facheiros" tem documento, seja um registro no cartório de imóveis ou impostos pagos na coletoria local. Mas nada disso convence os grileiros e as autoridades locais. O presidente do STR de Correntina, Wilson Furtado, conta que há uma forte disposição dos posseiros-criadores em resistir. Dia 1º de maio, mais de 600 deles saíram em passeata pelas ruas da cidade denunciando a grilagem e exigindo a legalização dos "fechos".



Foto: Manuel Ponto

Lavradores de Correntina com o deputado estadual Luís Nova (de barba)

INVASÃO EM TUCANO

Cerca de 500 trabalhadores do município de Tucano, interior da Bahia, invadiram e distribuíram, dia 15, entre si, mil quilos de sementes de milho e feijão, estocados ilegalmente no depósito de um vereador do PDS ligado ao prefeito da cidade. No depósito estavam, há 36 dias, 14 mil quilos de sementes enviados pelo governo do Estado e pela Sudene para serem distribuí-

dos aos trabalhadores. Porém estes foram criminosamente desviados pelos cabos eleitorais e vereadores do PDS local. Quatro trabalhadores foram presos pelo delegado que, diante da repercussão do fato, os liberou. O segundo-suplente do deputado estadual do PMDB, Vandilson Costa, junto com a vereadora Luciene Aniceto afirmaram que não aceitarão que trabalhadores sejam punidos por fazerem justiça. (da sucursal)

Cresce a tensão nos seringais do Acre

Aproxima-se o período do plantio e começam a aparecer os primeiros conflitos envolvendo posseiros e seringueiros, de um lado, e fazendeiros e seringalistas, de outro. Nesta mesma época, no ano passado, diante de um grave conflito no município de Taruacá entre posseiros e seringalistas, com o envolvimento do IBDF e da Polícia Federal, seis posseiros foram presos e torturados juntamente com o combativo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de

Taruacá, Raimundo Trovada. O conflito sensibilizou toda a opinião pública e conquistou o apoio de entidades democráticas e populares, partidos políticos e parlamentares.

No Vale do Juruá, a luta é pelo direito de brocar a terra para o plantio. Já no Vale do Acre, os lavradores opõem-se à derrubada de grandes extensões de terra que destrói os seringais nativos e as castanheiras, principais fontes de ren-

da, para dar lugar à pecuária. O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Acre, Saraiva, denunciou que 10 lavradores do município de Rio Branco encontram-se cercados por um fazendeiro conhecido como *Português*, do seringal Campo Esperança. Ele informou ainda que o IBDF já começou a impedir os posseiros de Feijó de iniciarem a pequena derrubada para o plantio.

Xapuri, Rio Branco, Basiléia e Feijó são as áreas de maior

tensão. Nos três primeiros municípios, os lavradores vivem basicamente da extração de borracha e castanha. Se forem ocupados pelos grandes fazendeiros, os trabalhadores não poderão sobreviver e serão obrigados a abandonar suas colocações na mata, indo viver na periferia de Rio Branco. Conforme Saraiva, "o Acre exporta castanha e borracha e não podemos deixar que isso aconteça, prejudicando os seringueiros". (da sucursal)

A questão da greve geral na Campanha Pró-Diretas

O movimento sindical tem dado contribuição positiva à gigantesca luta em curso, entre a Nação e o regime militar, por **Eleições Diretas-Já** para Presidente. Recusando idéias isolacionistas, integrou-se unitariamente nos Comitês Suprapartidários, realizou assembleias por categoria, imprimiu e distribuiu materiais da campanha, esteve nos comícios, concentrações, passeatas. Numa palavra, participou. Entretanto esta participação ainda ficou aquém das possibilidades e necessidades da luta. Nas grandes manifestações, a presença organizada dos sindicatos foi fraca. Raras foram as suas faixas, bandeiras e a presença das categorias profissionais de trabalhadores enquanto tais.

Particularmente nos grandes centros operários, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, ainda não assistimos a manifestações operário-sindicalistas pelas diretas, capazes de destacar a cor proletária nesta luta e imprimir-lhe um ritmo mais decidido.

O QUADRO GERAL

Com a rejeição da emenda Dante de Oliveira pelo PDS, no 25 de Abril, instalou-se em alguns círculos políticos certa perplexidade e confusão. Surgiram aí idéias incorretas, de que seria preciso abandonar a mobilização popular em troca de uma confusa e indefinida negociação com o governo. Já o regime militar, acuado pelas gigantescas manifestações, joga com sua ecletica e casuística emenda à Constituição e, acenando com as tais negociações, faz chantagem: ou aprovam a emenda, ou será o caos malufiano.

A vida indica que só a continuidade da mobilização em grande escala pode impor uma saída para a crise afimada com os interesses da absoluta maioria da nação — o que no momento significa **Eleições Diretas-Já**. Nesta situa-

ção avulta ainda mais a importância e a responsabilidade do movimento sindical.

A GREVE EM DEBATE

Em recentes reuniões, as duas articulações sindicais existentes — Conclat e CUT — tomaram resoluções que vão ao encontro dessa aspiração nacional por **Diretas-Já**. Concordam também que, para isto, é preciso retomar a mobilização do povo, principalmente em grandes atos, e que qualquer negociação terá de ter como centro a realização imediata de eleições diretas, além de contar com a participação e controle da população.

Esta retomada da luta exige um esforço muito grande de toda a sociedade e recoloca na ordem do dia a discussão, preparação e deflagração, pelo movimento sindical, de uma greve geral de protesto, por **Eleições Diretas-Já** e contra o arrocho salarial.

QUESTÕES POLÊMICAS

Muito se discute sobre a greve geral nos meios políticos e sindicais. Correntes trotsquistas frustradas no PT vêem nela a ante-sala da revolução, achando que toda greve geral é do tipo insurrecional. Outras facções, sob o argumento de que a campanha é de toda a sociedade, dizem que sua realização poderá prejudicar a ampla frente política formada. Ambas estão equivocadas. Uma não compreendem que, no atual estágio, o movimento tem características de luta do povo por melhores condições de vida e liberdades políticas — não vivemos ainda uma crise revolucionária. Outras não entendem que uma greve de um dia será imenso fator de pressão sobre esse regime, uma manifestação de civismo da classe operária e dos demais trabalhadores assalariados.

A convocação de uma greve geral com as características acima descritas deverá ser

decidida de forma unitária pelo movimento sindical. Grupos trotsquistas querem transferir a condução para os Comitês Suprapartidários. Com isso procuram camuflar sua falta de contato com o movimento operário-sindical real, cuja capacidade subestimam. E, por outro lado, tentam dar um caráter à greve geral que ela não teria hoje. Além do que, a inviabilizam na prática, privando o movimento pelas **Diretas-Já** dessa importante alavanca de retomada da mobilização popular em grande escala.

Uma greve geral é possível e deverá ser decretada e realizada pelo movimento sindical, com o apoio, é óbvio, da sociedade em geral. Por seus objetivos, seria parte da campanha cívica pelas **Diretas-Já**, a contribuição específica do movimento operário e sindical a este memorável, movimento, podendo jogar importante papel na derrocada do regime militar.

A reunião de Recife da Conclat, dia 5 de maio, propôs à CUT que juntamente convocassem uma Plenária Nacional Sindical na qual, de forma unitária e responsável, os sindicatos avaliassem suas forças, sua participação na campanha, e discutissem a greve geral e outras medidas mobilizadoras. (Esta plenária foi adiada para o dia 10 de junho para permitir a participação unitária do movimento sindical).

É uma resolução saudável. A unidade na convocação e direção é a chave para a vitória da greve geral. Qualquer restrição à realização desta Plenária Nacional Sindical unificada é politicamente inconcebível, revela um sectarismo exacerbado e um particularismo doentio, através dos quais os interesses maiores do proletariado e do povo são submetidos a interesses de grupo, vaidades mesquinhas, preconceitos ideológicos. (R. Freitas)



Os membros da chapa Unidade na Luta foram saudados pelos 2 mil operários presentes na sede-escola

Grande vibração no ato da Chapa 1 dos Metalúrgicos

Na noite de sexta-feira, dia 18, mais de 2 mil operários assistiram ao lançamento oficial da Chapa 1, **Unidade na Luta**, que disputará as eleições para a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Dezenas de fábricas participaram de forma organizada, trazendo suas faixas, e foi expressiva a presença de entidades de bairro.

Cada passeata de operários que entrava na sede-escola do Sindicato era recebida com entusiasmo. A vibração aumentou quando chegou ao local a caravana de 50 metalúrgicos da fábrica de fogões Semer, que se encontrava em operação-tartaruga contra a lei de arrocho salarial do governo militar, o decreto 2.065 (depois de sete dias de marcha-lenta, em que os operários deixaram de fabricar 500 fogões, os patrões cederam às reivindicações). Também a passeata dos trabalhadores da Zona Sul, a maior concentração proletária da capital, foi ovacionada quando entrou no local defendendo as eleições diretas-já.

Cerca de 80 Sociedades Amigos de Bairro estiveram presentes ao ato, manifestando seu apoio à Chapa 1 e lembrando a necessidade de se continuar o trabalho de unificação do movimento sindical e popular. Parlamentares do PMDB, do PTB e o

Deputado do PT apóia a chapa Unidade na Luta

Um representante do deputado estadual Sérgio dos Santos, do PT, esteve presente ao lançamento da chapa **Unidade na Luta**, sendo recebido com aplausos. Poucos dias antes, Sérgio dos Santos confirmara seu apoio à Chapa 1, numa entrevista à **Tribuna Operária**. Eis sua opinião:

"Sou tesmunha de que a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo tem estado nas portas das fábricas, tem ficado à frente das lutas dos trabalhadores, tem tido sensibilidade para levar as reivindicações da categoria e do povo, como demonstrou na campanha das diretas-já. Na medida do possível, tenho atendido às solicitações dos

operários, indo às portas das empresas acompanhar as suas lutas, e sempre vejo e sinto a presença da diretoria do Sindicato. Ela tem sido fiel aos interesses da classe, tem sido lutadora, tem ajudado a mobilizar e organizar a categoria. Companheiros que atuam comigo, militam comigo, também têm notado estas mudanças, que evidenciam que o Sindicato vive um novo tempo. Neste sentido, acho que a Chapa 1 representa a continuidade e o aprimoramento deste trabalho sindical. Acredito que os novos membros da diretoria ajudarão na organização desta importante e fundamental categoria, conhecida por sua tradição de luta".

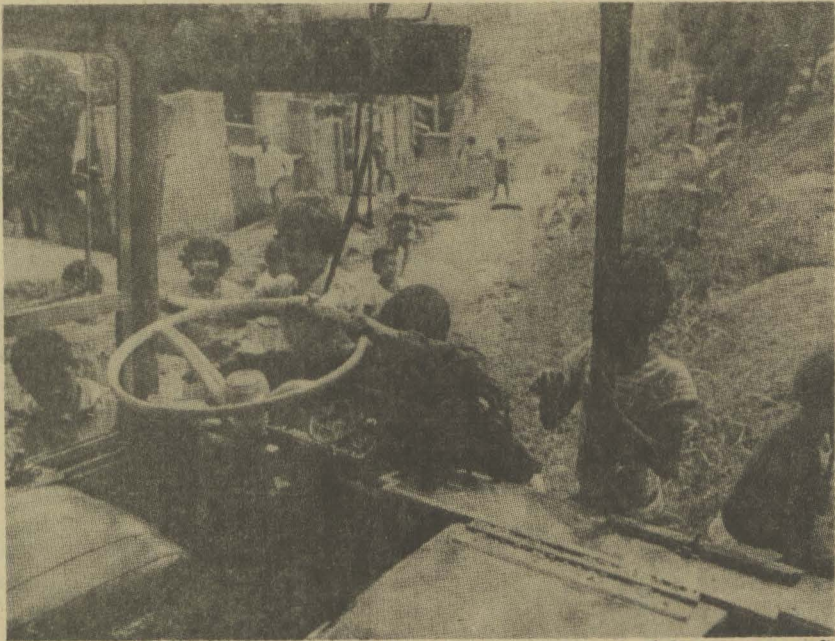
Motoristas tiram lições da greve em São Paulo

"Nós aprendemos muito com a greve. Na próxima vamos parar toda São Paulo", afirma um motorista da Zona Leste da capital paulista que participou ativamente da greve parcial da categoria, no último dia 17. A paralisação, que tirou de circulação 40% dos ônibus e enfrentou forte aparato repressivo, trouxe inúmeros ensinamentos para a categoria.

"Se pararmos o transporte, toda a cidade pára", comenta um motorista da CMTC (empresa municipal de ônibus), demonstrando certo orgulho. E com razão: afinal os 40 mil trabalhadores em transporte coletivo da capital conduzem ao trabalho cerca de 6 milhões de pessoas diariamente, nos aproximadamente 9.200 ônibus em circulação. A importância da categoria é tão grande, que colocou em estado de alerta os patrões, o governo federal e as autoridades municipais e estaduais.

FALTOU PREPARAÇÃO

O metrô e a rede ferroviária funcionaram com sua capacidade total e ininterruptamente na quinta-feira. Mais de 3.500 soldados da PM foram mobilizados para reprimir os grevistas, agindo com selvageria: prenderam cerca de 200 piqueteiros e espantaram trabalhadores e populares. As empresas de ônibus obrigaram seus funcionários a dormirem nas garagens, para evitar o piquete. Mesmo antes da greve, a CMTC resolveu conceder 3,5% de reajuste acima do estipulado pelo decreto-lei 2.065, quebrando na prática a lei de arrocho salarial do governo federal. E foi seguida na última hora pelas 38 empresas concessionárias de ônibus, que durante as negociações mostraram intransigência e arrogância.



Centenas de ônibus foram depredados numa greve em que faltou preparação

Embora todo o aparato, a categoria decidiu pela greve na assembleia do dia 16, com mais de 5 mil presentes, a maior já realizada pela categoria. A disposição de luta surpreendeu muita gente, "inclusive alguns membros da diretoria do Sindicato", critica Miguel de Carvalho, diretor da entidade e um dos que se destacaram na liderança do movimento.

Segundo Miguel, "desde a assembleia do dia 9, seguida de uma passeata com mil companheiros e muita vibração, já se sabia que a greve ia acontecer. Apesar disto, pouco se fez para prepará-la, uns por inexperiência, outros porque eram contra a paralisação. Quando ela foi decretada, a gente viu que não tinha nada na mão, não tinha comando, nem os subcomandos nas regiões para coordenar os piquetes. Só tinha a nossa valentia".

A ausência de um bom trabalho sindical e da estruturação da greve acabou desperdiçando o potencial de luta. "Durante a madrugada nós lotamos um

salão na Zona Leste. Todo mundo estava disposto a ir para a briga, enfrentar a PM, parar ônibus, furar pneus. Mas ninguém tinha experiência, nem orientação. Não sabíamos para onde ir e acabamos fazendo piquete na garagem da Pompéia, com apenas 200 carros. Fomos para o lugar errado", relata um operário da CMTC. Esta falta de organização resultou em explosões espontâneas de violência. Mais de 300 ônibus foram depredados, tiveram seus pneus furados. Na parte da manhã, a greve atingiu 18 das 38 empresas particulares e apenas 10% dos funcionários da CMTC.

"Aprendemos muito com a greve. Vimos a disposição da categoria nos piquetes, na passeata. Apesar da assembleia de encerramento da greve, na tarde do dia 17, ter apenas 200 pessoas e um certo clima de frustração, a greve valeu. Novas greves ocorrerão, pois a categoria é muito explorada. Muitos trabalham até 14 horas diárias, fazem dupla pegada, pagam os estragos nos veículos", conclui Miguel, otimista.

Aurélio Peres afirma que o Sindicato mudou

Ao ser convidado para participar da mesa, o operário e deputado federal Aurélio Peres foi calorosamente aplaudido pelos presentes ao ato. No final do lançamento, ele concedeu uma entrevista à **Tribuna Operária**. TO: Por que você está apoiando a chapa Unidade na Luta? Aurélio: Em 1981, nós lançamos uma chapa de oposição porque não tivemos condições de compor unitariamente com a diretoria do Sindicato, já que não concordávamos com sua orientação. É bom lembrar que em 1981 ainda existiam na porta da sede os cordões poloneses; exigia-se a carteira de sócio para as assembleias; dificilmente você via o Sindicato nas fábricas; não se fazia campanha de sindicalização; e a diretoria não assumia a luta da categoria. Então não tinha como compor com uma diretoria que tinha uma prática sindical imobilista e antidemocrática.

Três anos depois, a realidade é outra. Nós defendíamos em nosso programa que era necessário democratizar o Sindicato, fazer campanha de sindicalização, construir subdesdes, e isto está sendo feito. Lógico que ainda há debilidades, mas o rumo é certo e há espaço para melhorias. Nós também defendíamos que era necessário politizar a luta da categoria e o Sindicato passou a politizar, assumindo na prática a luta pelas diretas-já. Se foi feito isto, não tem por que sair separado.

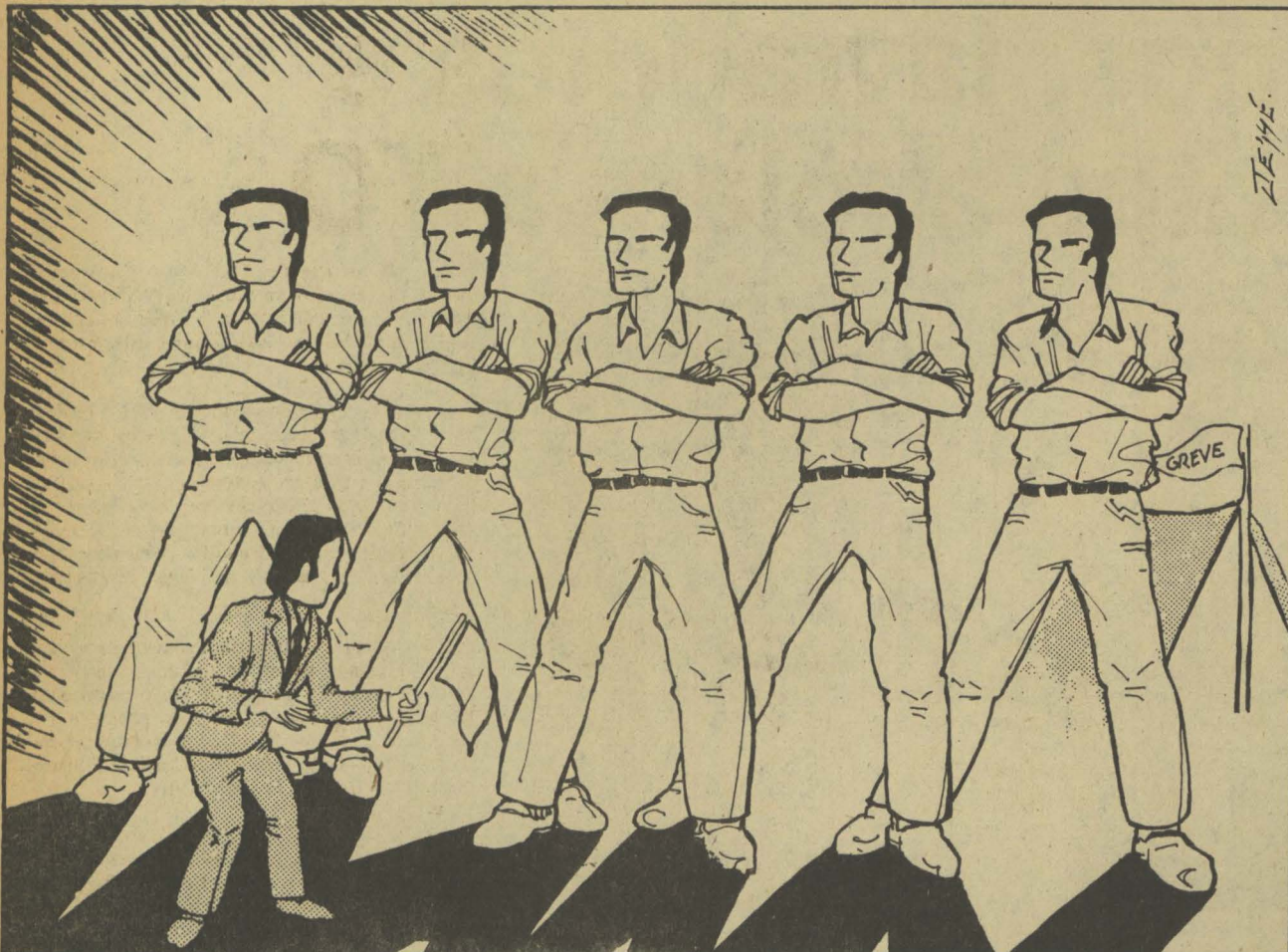
TO: Hoje, pela madrugada, você visitou as fábricas da Zona Sul, distribuindo material da Chapa 1. Como você sentiu a receptividade? Aurélio: A receptividade é boa. Alguns companheiros ainda têm algumas dúvidas, não entendem por que eu hoje sou como a atual diretoria. Mas depois que a gente faz uma discussão política, mostra os fatos concretos, os companheiros entendem e passam a ajudar a chapa.

TO: Qual sua opinião a respeito da Chapa 2? Aurélio: Embora eu respeite companheiros da outra chapa, eu acho que ela poderia estar integrada na Chapa 1. Isto não foi possível porque a Chapa 2 é mais estreita, é um tanto partidária, o que não representa a categoria. Ela não tem condições de unificar a categoria.

TO: O ato de lançamento serviu para mostrar a força da chapa Unidade na Luta. Desde a formação da chapa, cerca de 1.700 "apoiadores" participaram das reuniões nas diversas regiões. Só na Zona Sul, nas três reuniões realizadas, participaram 400 metalúrgicos das grandes empresas da área. A receptividade às propostas da chapa tem sido grande nas portas das empresas. Na Metal Leve, foram vendidas 100 camisetas da chapa; na Matarazzo, 150; na Indak, 50 camisetas. O potencial da chapa é grande, apesar de ainda não termos conseguido este efeito em movimento sindical e político", argumenta Vital.



CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Mauricio Grabois



Operários descrevem a greve na Nordon

No último dia 7, cerca de 400 funcionários horistas da Nordon Indústrias Metalúrgicas iniciaram greve reivindicando um aumento de 83,3%, quebrando assim o decreto 2.065 do governo.

No segundo dia da greve os operários resolveram em assembleia que ficariam acampados na fábrica, com o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André fornecendo colchões para eles, a exemplo do que ocorreu na Elevadores Otis há algum tempo, além de distribuir lanches a noite. Alguns funcionários também recebiam marmitas que eram levadas por familiares.

Logo no primeiro dia da greve o superintendente industrial da empresa, Nenad Vatauvuk, iugoslavo, tentou interromper a greve com ameaças aos operários e em discussão com os diretores do Sindicato que estavam em frente ao portão da empresa com carro de som, inclusive tentando agredir um dos diretores, onde acabou levando a pior.

A partir do 2º dia de greve ele

tentou jogar os operários contra o Sindicato e começou até a servir queijo no café da manhã distribuído aos operários antes do horário de entrada.

O que viabilizou sem dúvida essa greve foi a unidade e o grau de conscientização dos operários. Todos diziam: "estamos unidos e dispostos a ficar aqui até que a empresa abra negociação". Os operários fizeram diversos cartazes e penduraram no portão da empresa, onde se podia ler: "Estamos em greve por 83,3% de aumento, estabilidade no emprego e pelo fim da ditadura militar".

Dentro da fábrica os operários se movimentavam e se revezavam em diversos pontos estratégicos, com um túnel que separa duas alas da empresa, onde Vatauvuk tentava colocar um portão para separar os grevistas dos operários que trabalham na seção de montagens industriais e que são irregularmente registrados no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil que estavam sendo pressionados a

voltar ao trabalho; mas resistiram graças a seus companheiros.

Os grevistas permaneceram acampados até a madrugada do dia 11 de maio, quando a diretoria resolveu negociar com o sindicato. Os operários em assembleia resolveram aceitar o acordo: antecipação de 15% em agosto e fevereiro por conta do reajuste de 1º de outubro e do reajuste da data base de 1º de abril; estabilidade de dois meses para todos; pagamento integral das horas paradas, inclusive do dia 11, que não teve expediente.

A greve foi sem dúvida um grande avanço em termos da consolidação da unidade. Mostrou aos operários que eles têm força. Outro ponto importante foi que teve também um caráter político, pedindo em faixas e cartazes o fim do regime militar. Por fim vale observar que um novo tipo de greve vem ocorrendo em algumas empresas, com acampamento em fábrica. (Comissão da TO em Santo André - São Paulo)

Uma mãe de família de Porto Velho apóia a TO



A reconstrução da TO tem apoio do povo, como esse marceneiro

É lamentando o brutal atentado do terrorista ao nosso jornal **Tribuna Operária** que escrevo esta carta para prestar a minha solidariedade e contribuição de Cr\$ 25.000,00 que depusitei hoje mesmo (15 de maio) no Banco Itaú. No momento foi no que pude contribuir; porém, estarei disposta a colaborar com este jornal no que der e vier.

Sou mãe de família, tenho cinco filhos pequenos e só meu marido trabalha procurando sobreviver a este regime de fome, de arbitrariedade e corrupção. E acredito neste jornal pela importância que ele desempenha junto às classes trabalhadoras e ao povo em geral pela derrubada deste regime e o estabelecimento de uma sociedade mais justa e mais humana, onde possamos desenvolver os nossos potenciais.

Companheiros, vou finalizar elogiando a coragem que vocês tiveram de não se intimidar com a repressão e a destruição da sede deste jornal por quem só sabe usar a força contra aqueles que defendem a democratização e a liberdade de nossa nação. E que aceita qualquer imposição do FMI. É isto aí, minha gente! A luta continua pelas diretas-já! Um abraço fraterno. (G.M.M. - Porto Velho, Rondônia).

Vereadora do PDS ameaça posseiros

No dia 3 de maio eu, E.P.S., viúva, fui chamada com mais alguns companheiros à Delegacia de Polícia de Porto Franco, que tem como delegado o sargento Zacarias, que é, sem dúvida alguma, a favor dos ricos.

Ele nos intimou por causa de um pedido do grileiro João José a mando da vereadora Maria do

Nascimento, Nicota, do PDS. Isso porque eu ajetei um pedaço de cerca do meu cercado. Cerca do este que o João José quer tomar tendo o apoio da dita vereadora. Até o nosso vigário, Frei Tadeu, saiu como perseguidor dos ricos, só porque se põe ao lado dos pobres que vêm seus direitos tomados pelos ricos.

E para aumentar ainda mais a injustiça o sargento Zacarias botou a própria polícia para fazer uma coisa que não lhe cabe: desmanchar o meu serviço para o grileiro invadir o meu cercado botando o seu gado. Eu exijo justiça contra o que fazem comigo. (E.S. - Porto Franco, Maranhão)



fala o POVO

Um grupo de metalúrgicos de Santo André, em São Paulo, resolveu escrever para o Fala o Povo contando passo a passo a greve dos horistas da Nordon. Cartas como essa contribuem para divulgar um exemplo concreto de luta. Além de fazer a denúncia da exploração na empresa, esses metalúrgicos descreveram o movimento grevista e fizeram uma avaliação do mesmo, de suas conquistas e debilidades.

Esse é o papel de nossa seção. Além de fazer a denúncia, apontar soluções, analisar os acontecimentos, opinar sobre tudo o que ocorre por este país agora. Escreva, amigo leitor! Levante sua voz contra as injustiças, conte como elas ocorrem concretamente e como nosso povo as enfrenta. Essa seção é sua! (Olivia Rangel)



Serrana S/A volta a demitir em massa

Queremos divulgar para conhecimento da classe operária e de todo o povo mais uma injustiça da Serrana S/A de Mineração e do governo, que está entregando o Brasil ao FMI.

No dia 11 de março, a Serrana S/A de Mineração demitiu 72 operários. Já são mais de 100 demitidos nos últimos meses. Há uns dois meses a Rhodia fechou suas portas mandando cerca de 80 trabalhadores embora, sem ter a quem apelar. E os chefes da Serrana andam dizendo que vão continuar demitindo até ficar com o menor número possível de mão-de-obra.

Dizem que por causa da crise as três fábricas do Parque In-

dustrial de Jacupiranga estão produzindo só 40% do que produziam em 1982. Jogam os trabalhadores para fora da fábrica pondo a culpa na crise. Mas nunca dizem que a crise é resultado do regime militar imposto pelos generais em 1964, para entregar as nossas riquezas à fome de lucros das multinacionais. Criaram a crise e agora quem paga são os operários e o povo.

Enquanto os operários são mandados embora, os chefes da multinacional Bung y Born e um representante do governo paulista, trazido pela própria multinacional para não dar na vista, se regalavam num jantar onde não pôde faltar uísque estrangeiro.

Dizem que o Dr. Gabriel, que é um dos maiores chefes da Serrana em Cajati, foi conversar com o prefeito de Jacupiranga depois da demissão. O prefeito está muito preocupado porque só no começo do ano passado já existiam cerca de dois mil desempregados no município. Com a diminuição das atividades industriais da Serrana são mais famílias passando fome, sem esperança de conseguir arranjar emprego.

Enquanto a situação política do país não muda, a queda da economia vai agravando a crise e empurrando o povo para os saques e depredações como têm acontecido pelo Brasil afora. (grupo de tribuneiros de Jacupiranga e Cajati-São Paulo)

Médicos de João Pessoa conquistam vitória

O médicos do município de João Pessoa obtiveram grande vitória na sua greve por melhores salários e melhores condições de trabalho. Depois de 9 dias de paralisação, exigindo o cumprimento da lei 3.999/61 que garante piso salarial de 3 salário mínimos para a categoria, o que o prefeito do PDS dizia não ser possível.

Apesar das ameaças, os médicos continuaram firmes reivindicando além do cumprimento da lei federal, adicional

noturno, insalubridade, melhores condições de trabalho e materiais hospitalares.

Na tarde do dia 18 cerca de 100PMs invadiram o Hospital do Pronto Socorro (municipal), exigindo a volta ao trabalho de todos os médicos. Mas a arbitrariedade não funcionou. Tendo a frente seu Sindicato, os médicos firmaram posição de não voltar a trabalhar nem negociar "enquanto existir um policial dentro do HPS". Renô Macaúbas, presidente do Sindi-

cato, disse que não adianta pressões contra os médicos: "nenhuma medida de intenção vai dobrar o nosso movimento".

No dia 19, diante da firmeza e unidade dos médicos, o prefeito atendeu às reivindicações dos grevistas. Segundo Guilherme Travassos, delegado do Sindicato, o acordo firmado estabeleceu que "não aceitamos nenhuma punição, senão vamos para novamente". (Correspondente da TO em João Pessoa, Paraíba)

Latifundiário favorecido com Bolsão da Seca

Conheço bem a região e estou ciente da safadeza que está ocorrendo aqui; assim escrevo para este combativo jornal denunciando mais uma arbitrariedade do sistema.

Desde que foi implantado o Bolsão da Seca nesta região ocorrem absurdos, como o caso do proprietário Agostinho Al-

meida, que vem sendo favorecido pelo regime militar, como seja: recebendo serviços do pessoal que trabalha no Bolsão da Seca, sem ter a mínima despesa. Toda essa gente trabalhando em suas terras beneficiando-o. Tudo isso porque ele tem um filho que é capitão do Exército; depois de um "arrumadinho" está recebendo em

sua propriedade trabalhos gratuitos.

Este é o regime que ora nos governa: o regime militar. Então, queremos a mudança desse sistema corrupto que, como vemos, constrói obras não sei pra quem, mas sei pra quem. Fora Figueiredo! Fora o regime militar! (F.W.F.-Iará, Ceará)

Os funcionários da CTC são roubados

Nós, trabalhadores de CTC do Rio de Janeiro, estamos indignados com a declaração do atual presidente da empresa. Exigimos sua renúncia. É lamentável que um homem que

se diz progressista venha a público dizer que os motoristas e cobradores da Companhia de Transportes Coletivos do RJ desviavam 3 milhões de cruzeiros por dia. Na verdade ele deveria

dizer quanto nós, funcionários da CTC, damos por dia, com um salário que nada dá para comprar. (grupo de rodoviários do Rio de Janeiro-RJ)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Diversas faces da burguesia

Na luta de classes, nem sempre os campos em confronto aparecem nitidamente separados. A burguesia e seus agentes tratam muitas vezes de se camuflar para golpear a classe operária e as forças populares. Exemplo disto é a polêmica acirrada que se trava neste momento em torno da questão da negociação.

FACES DA MOEDA

O governo promete negociação mas pratica a intransigência. Não tem o que negociar e seu plano é forçar a oposição à capitulação. Os revisionistas do PCB, teorizando sobre o abstrato, tentam confundir o povo afirmando que “negociação e luta não são coisas contraditórias”. Já os trotsquistas atacam pelo outro lado, posam de intransigentes berrando que “negociação é traição”.

Negociar como realizar as diretas-já evidentemente não é contraditório com a luta popular. Mas negociar a troca das diretas-já pelos retosques que a emenda Figueiredo-Leitão de Abreu faz na Constituição (sem ao menos abolir as medidas de emergência), como prega o PCB, é uma clara traição à campanha das diretas-já. Assim, essa negociação é inaceitável, pois serve ao prolongamento do regime e não ao anseio democrático de liquidar o sistema implantado pelas Forças Armadas desde 1964.

Aceitar um candidato de consenso com o regime, a prorrogação do mandato de Figueiredo ou o chamado mandato-tampão, e engolir estas formas de continuísmo como se fossem um período de transição, é obviamente uma traição. Contudo considerar a hipótese de um governo de ruptura com o regime, aprovado pelas massas, com a incumbência de garantir a liberdade, revogar as leis do arbítrio e convocar uma Constituinte, não significa nenhum recuo. Pelo contrário, representa um esforço prático para não permitir que as forças operárias e populares sejam aliadas do processo político. Uma solução de transição deste tipo é inteiramente compatível com a batalha travada por milhões nas ruas pelas diretas-já.

A essência deste governo de ruptura, assim como a campanha das diretas-já, é o fim do regime militar. São duas formas concretas do mesmo conteúdo tático. As forças de vanguarda não podem se orientar pelo raciocínio mecanicista, que só enxerga os processos em linha reta e só faz política baseada em fórmulas estereotipadas. Lênin, ao abordar as mudanças na situação da Rússia logo após a revolução de fevereiro de 1917, citando Goethe, lembrava aos revolucionários que “cinzenta é a teoria, mas verde a árvore eterna da vida”.

Sem olhar a realidade de forma dialética, e sem considerar as múltiplas alternativas que se colocam em cada instante para realizar os objetivos centrais, o proletariado corre o risco de ficar repetindo seu desejo, sem encontrar o caminho para realizá-lo.

O radicalismo verbal dos trotsquistas visa a afastar o povo da marcha da revolução. Negan-do a flexibilidade tática, pretende isolar as forças mais consequentes do conjunto das correntes democráticas. O outro lado da moeda é a aparente ponderação dos revisionistas, que no fundo é conciliação com a ditadura. Todos dois fazem o jogo da burguesia.

SAÍDA POPULAR

A eleição direta-já é a forma mais natural para retirar o país do impasse institucional em que se encontra. Entretanto não se pode descartar que nesta batalha um abalo no poder deixe vago o Palácio do Planalto. De uma forma ou de outra, o povo luta pela solução democrática para a crise.

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318
 Telefone: 36.7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLORR.
 Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
 Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.

ALAGOAS: Arapiraca - Praça Luis Pereira Lima, 237, sobrelaje CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
 AMAZONAS: Manaus - Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - CEP 69000.
 BAHIA: Camacari - Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana - Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna - Av. Juracy Magalhães, 180, Sala 204 - CEP 45600. Itapetinga - Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro - Rua Américo Alves, 6-A - CEP 44060. Salvador - Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho - Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesit) - CEP 43700.
 CEARÁ: Fortaleza - Rua do Rosário, 313, sala 206 - Centro - CEP 60000. Igatu - Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960. Sobral - Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.
 DISTRITO FEDERAL: Brasília - Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302.
 ESPÍRITO SANTO: Cachoeiro do Itapemirim - Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória - Rua Francisco Araújo, 77 (esquina com escadaria Clete Nunes) - Centro - CEP 29000.
 GOIÁS: Goiânia - Rua 27, nº 68 - Centro - CEP 74000. Formosa - Rua Emílio Póvoa, sala 4 - CEP 77200. Anápolis - Rua Desembargador Jaime, 105, sala 204 - CEP 77100.
 MARANHÃO: São Luís - Rua da Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000.
 MATO GROSSO: Cuiabá - Rua Comandante Costa, 548, Fone: 321.5095 - CEP 78000.
 MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande - R. Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
 MINAS GERAIS: Belo Horizonte - Rua Padre Belchior, 285, Centro - Fone: 224.7605 - CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadéres, 3º andar, sala 411 - CEP 36100.
 PARA: Belém - Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - CEP 66000.
 PARAIBA: João Pessoa - Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 - Calçadão Centro - CEP 58000. Campina Grande - Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar - CEP 58100.
 PARANÁ: Curitiba - Rua Marim Afonso, 370 - CEP 87000. Londrina - Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8 - CEP 86100.
 PIAUÍ: Teresina - Rua Eliseu Martins, 1130, 3º andar - CEP 64000.
 PERNAMBUCO: Cabo - Rua Vigário Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns - Rua Dantas Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife - Rua Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 50000.
 RIO GRANDE DO NORTE: Natal - Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202 - Alecrim - CEP 59000.
 SERGIPE: Aracaju - Rua Araújo, 599 - CEP 49000.
 RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre - Rua General Câmara, 52, sala 29 - CEP 90000. Caxias do Sul - Rua Dal Canale, 1891, 2º andar, fundos - CEP 95100. Pelotas - Rua Andrade Neves, 1598, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha - Av. Flores da Cunha, 125, sala 20, Aberto depois das 18 horas e sábados das 9 às 12 horas).
 RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro - Rua São José, 90, sala 2208 - CEP 20000. Rio de Janeiro - Carvalho de Souza, 155, loja F. Madureira - CEP 20000. Niterói - Av. Arinael - ex-310, sala 907 - CEP 24000. Duque de Caxias - Rua Nunes Alves 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu - Av. Marechal Floriano, nº 2248, sala 4 - CEP 26200.
 RORAIMA: Boa Vista - Rua Alferes Paulo Saidana, 625 - Bairro São Francisco - CEP 69300.
 SÃO PAULO: Campinas - Rua Regente Feijó, 592 - CEP 13100. Marília - Rua Dom Pedro, 180, 1º andar - CEP 17500. Osasco - Rua Tenente Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 16000. Piracicaba - Rua XV de Novembro, 728, sala 3 - CEP 13400. Ribeirão Preto - Rua Sergipe, 119 - CEP 14100. Santos - Av. Dom Pedro 7 - CEP 1110. Santo André - Travessa Lourenço Rondonelli, 35 - Centro - CEP 09000. São Bernardo do Campo - Av. José Arthur da Frota Moreira, 61 - Ferrazópolis - CEP 09000. São José dos Campos - Rua Viçça, 195, 1º andar, sala 19 - Centro - CEP 12200. Taubaté - Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - Centro - CEP 12100. Sergipe: Aracaju - Rua Araújo, 599 - CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

Numa pequena cidade do interior do Maranhão, os estudantes e professores de um colégio levantam a voz para solidarizar-se com a Tribuna Operária. Isto se soma ao protesto de sindicalistas do campo e da cidade, de vereadores, prefeitos, senadores, donas-de-casa, operários das fábricas, de trabalhadores rurais de Goiás em greve. Está aí a força invencível do proletariado e de sua imprensa de vanguarda. Apoiar-se nas mais amplas camadas progressistas. Representa e divulga o que tem de mais avançado na sociedade. Levanta para o povo a esperança de um futuro de liberdade e fraternidade. Este capital precioso, por mais incêndios que provoquem, os terroristas não podem destruir.

SÃO PAULO

“Quero de público solidarizar-me com os jornalistas da Tribuna Operária, que sofreram covarde atentado o qual veio danificar a sede do jornal em São Paulo; e ao mesmo tempo, repudiar este violento crime contra a liberdade de imprensa e contra a dignidade de todos nós.

“Mais ainda, quero dizer aos criminosos que eles deixaram pistas na elaboração do ato criminoso, pistas estas consistentes no odor fétido que exala dos filhos, produtos, subprodutos da ditadura, do autoritarismo e dos inimigos do povo.

“Por fim, gostaria de alertar aos agressores que a violência convarde poderá a qualquer momento de nossa história sofrer o revés da violência justa dos oprimidos e dos que os defendem, e nesse momento valerá a máxima cristã: quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Deputado Fernando Silveira, PTB, São Paulo.

“Tenham certeza, senhores, de que o povo saberá dar a devida resposta a estes que no desespero tentam fazer provocações tentando denegrir essa belíssima demonstração de maturidade política e força do nosso povo, que são as manifestações pelas eleições diretas-já”. Vereador Reinaldo Dias, ao requerer manifestação de solidariedade aos jornais “Hora do Povo” e Tribuna Operária, na Câmara de Campinas, SP.

“Solidarizamo-nos com os companheiros

do jornal e frisamos a nossa luta pelo fim deste regime antidemocrático, antipopular e antinacional e pelas diretas-já.” Rovilson R. Britto, União Campineira de Secundaristas.

“O atentado à Tribuna Operária é mais uma prova do total absurdo que é essa ditadura militar dentro da qual não se tem ao menos o direito de livre manifestação e organização”. Adriana Campos, diretora de imprensa do Grêmio Livre do Colégio Anglo-Campinas.

“Repudiamos o violento atentado contra a Tribuna Operária e reafirmamos nossa disposição de não aceitar qualquer ataque à liberdade de imprensa e às ainda limitadas liberdades políticas”. Moção aprovada na Assembleia Geral dos Estudantes da Unicamp, dia 2 de maio de 1984.

“Repudiamos mais esta tentativa da ditadura em querer calar a voz daqueles que levam a informação da luta da classe trabalhadora”. Kalil Bittar, Coordenador da UEE-SP, Região Campinas.

“Repudiamos a tentativa reacionária de reverter o processo democrático engatilhado no Brasil a partir da luta de organizações combativas como a Tribuna Operária, que sofreu um atentado típico de forças deca-

Solidariedade material continua vigorosa: nesta semana caminhamos para os Cr\$ 6 milhões!

Pres. do Sindicato dos Trabalhadores na Ind. de Borracha, Americana (SP)	5.000
Metalúrgicos da Nardini, Americana	1.700
Operários da Auto-Metal, Diadema (SP)	4.000
Coleta no lançamento da Chapa 1 do Sind. dos Metalúrgicos S. Paulo	5.115
Operários do bairro Bengui, Belém (PA)	5.000
Operário da construção civil, S. Luis (MA)	2.160
Nova coleta no Cesec-B. do Brasil (SP)	60.000
Tribuneiros do Centro de S. Paulo	106.500
Coleta na OSEM-Ponte Rasa (SP)	5.000
Braulino Baptista (SP)	5.000
Coleta na prefeitura de Americana (SP)	2.400
Funcionários municipais de Americana	9.000
Jornalista de Americana	2.000
Vereador do PMDB de Americana	5.000
Venda de bônus em Americana	9.500
Venda de bônus em Sta. Bárbara D'Oeste (SP)	8.000
Contribuição de Botucatu (SP)	3.000
Assinatura de reconstrução de professor da Universidade de Campinas (SP)	30.000
Reunião de Viração no Rio de Janeiro	11.500
Advogado do Rio de Janeiro	10.000
Deputado Nelson Araújo, presidente do PMDB de Sergipe	20.000
Venda de bônus em Sergipe	5.000
Contribuição em Goiânia	50.000
Contribuição arrecadada em festa organizada por Benvindo Neto, Aragarças (GO)	200.000
Assembleia de Professores da UFMG	13.500
Venda de bônus na área de saúde (MG)	25.000
Venda de bônus em J. Monlevade (MG)	20.000
Dra. Egléia M. Cunha Melo (MG)	255.000
Contribuição de Belo Horizonte (MG)	5.000
Venda de bônus (avulsos-MG)	4.000
Contribuição de Juiz de Fora (MG)	36.000
Bolão do jogo Fluminense x Corinthians (MA)	5.500
Outro bolão Fluminense x Corinthians (MA)	17.000
Contribuição de médico democrata (MA)	10.000
Coleta do show de viola pela reconstrução da TO realizado no I Encontro do Bloco Popular, pelo vice-presidente do diretório do PMDB de Paulo Ramos, Joaquim Custódio (MA)	5.810
Dilermando Toni (MA)	5.660
Manoel, camponês de Santa Luzia (MA)	1.000
Barraca pela reconstrução da TO no Encontro do Bloco Popular (MA)	28.050
Coleta na Esquina Democrática, Porto Alegre (RS)	3.280
João Penha (RS)	4.000
Tereza (RS)	5.000
Médicos Residentes (RS)	2.067
Rio Grande (RS)	2.490
Carazinho (RS)	40.000
Pelotas (RS)	30.000
Amigos da TO no Partenon, P. Alegre (RS)	10.000
Venda de bônus pela equipe A. Garibaldi (RS)	16.200
Bônus e diversos (RS)	65.000
Pedágio em Belém, com participação de secundaristas e diretores da Associação Geral de Moradores da Cidade Nova (PA)	30.000
Contribuição em Belém (PA)	600
Contribuição de João Pessoa, (PB)	100.000
Contribuição de Brasília	26.000
Um bancário de Fortaleza (CE)	10.000
Silemon Matos, líder do PMDB na Assembleia Legislativa da Bahia	20.000
Gincana no bairro Liberdade, Salvador	70.000
Bônus Jovem Valdir (BA)	5.000
Pedágio de estudantes, Salvador (BA)	12.000
Poratinga (BA)	122.000
Subtotal	1.463.032
Total arrecadado nas quatro semanas passadas	4.207.234
Total geral até agora	5.470.266

A criatividade está despontando na campanha financeira para a reconstrução da Tribuna Operária, em resposta ao ataque fascista cometido contra o jornal no domingo de Páscoa. Em Aragarças, interior de Goiás, um amigo do jornal organizou uma festa na qual foram arrecadados Cr\$ 200 mil. No Maranhão, os companheiros aproveitaram o interesse pelos jogos entre Fluminense e Corinthians, da Copa Brasil, para organizar um bolão e destinar parte do dinheiro à reconstrução da Tribuna. Em Salvador e Belém, estudantes e populares fizeram pedágio para as finanças do jornal.

Além das contribuições em dinheiro, continuamos recebendo outros tipos de apoio material. A sucursal de Pernambuco, por exemplo, enviou-nos oito coleções de gravuras de J. Borges, apresentadas por Ariano Suassuna. A sucursal de Juiz de Fora enviou-nos 500 cartazes sobre a luta de El Salvador, à venda na sede do jornal a Cr\$ 300,00 cada. E o leitor Claudionor dos Santos Cardoso colaborou com a recomposição de nosso arquivo fotográfico, saqueado pela polícia após o incêndio criminoso do dia 22, doando-nos 55 fotos. Agradecemos estes expressivos apoios e conclamamos a todos os democratas e trabalhadores para continuarmos o esforço conjunto de reconstrução da Tribuna Operária.

Apoio na prática

Ajude a reconstruir a Tribuna. Deposite sua contribuição na conta 04202/0 da Agência 768 do Banco Itaú de S. Paulo, em nome de Divo Guisoni. Envie também fotos para ajudar a recompor nosso arquivo.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

O apoio da Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta na Proposta Editorial, fone - 263.7400. Impressa na Jorvê, Cia Editora, fone - 815.4999 - São Paulo, SP.

Os rurais de cabeça erguida

"A gente é povo lavrador, que vê que é pisado e não via jeito de sair fora. Isso foi um movimento da barriga vazia. Greve não é uma gracinha"
Benedito, 27 anos, desde os 14 no corte da cana

"Nós acendemos o estopim em Guariba"
Magalhães, 63 anos, presidente do Sindicato de Jaboticabal

"Se não cumprirem o acordo, nós faz outra greve; faz dobrado"
D. Olinda Alves, 51 anos, rural

"Se o povão quiser mesmo lutar mesmo, ninguém segura. Se eles têm o capital, é porque nós, os pobres, trabalha"
Alves, genro de d. Olinda

"Eu não me contive. Chorei de emoção. Era um nó que estava 25 anos na garganta"
V. metalúrgico, 43 anos, cortador de cana por dez anos



Eles descobriram que a força de quem trabalha é a greve

A partir do levante de Guariba, coisas importantes começaram a mudar na vida e na luta dos assalariados rurais do Centro-Sul brasileiro. Na semana passada, o eco da explosão de Guariba ainda ressoava na região de Ribeirão Preto, São Paulo, com seus 2 milhões de habitantes, 130 mil

trabalhadores rurais e 14 mil quilômetros quadrados plantados com cana.

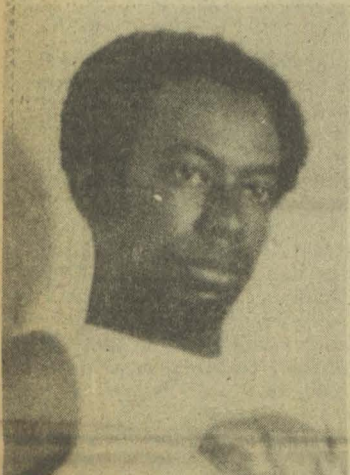
Segunda-feira, dia 21, os rurais de Guaíra e São Joaquim da Barra fizeram rápidas paralisações. Na semana passada, os grevistas haviam chegado a dezenas de milhares. Uma movimentação inaudita exigia o cumprimento dos pontos do acordo arrancado aos patrões.

Mas o movimento teve um fruto maior. Despertou os rurais para a luta.

Em uma casa da Cohab na cidade de Sertãozinho — a maior concentração de rurais na região, palco de uma greve no dia 18 — o cortador de cana Benedito explica: "Eu acho que por essa vitória de agora o povão está fazendo força para ficar mais por dentro de tudo isso. Eu sou apenas um dos bóias-frias, mas acho isso mesmo".



Olinda: "Nós faz dobrado"



Benedito: "Um pé de cana"

"Um marco que custou sangue"

"Eu conheço essa desgraça, a cana. Ela é doce, infelizmente, para o usineiro. Mas, para o trabalhador, ela é amarga como fel." Quem fala assim é Benedito Magalhães, paraibano, sessentão, ex-volante e há 17 anos na direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal, que tem em sua base os rurais de Guariba, onde o movimento começou. Em entrevista à *Tribuna Operária*, ele disse como enxerga o significado desta luta.

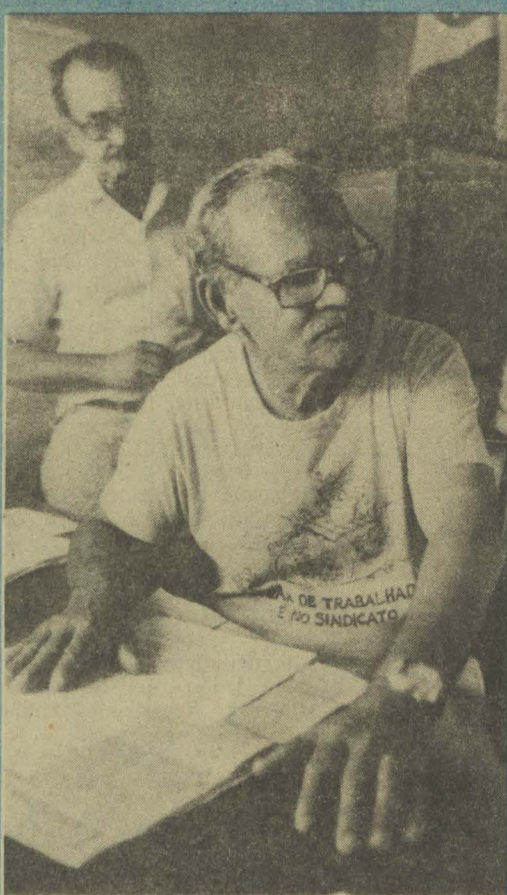
"Para nós, o povo de Guariba plantou um marco que pode se comparar com o 1º de Maio na luta pela jornada de trabalho. Aquele custou sangue. O nosso também. O contentamento dos rurais, na cana como na laranja, é tão grande, que até parece que eles nasceram outra vez. Eles prometem que, se o Sindicato era fraco, por falta de união, agora vai ser forte."

O Sindicato de Jaboticabal, diferente do de Sertãozinho, tem subseções, cerca de 6.500 sindicalizados e atividade constante. Magalhães, depois da explosão em Guariba, conta que passou "quatro dias sem comer e sem dormir, vendo as balas piando no meu rosto, como foi sexta-feira em Monte Alto". Jogou papel ativo nas assembleias e nas negociações. Ele queixa-se, contudo, de que apenas os Sindicatos de Araraquara, Jaboticabal, Barretos e Matão tomaram parte no movimento.

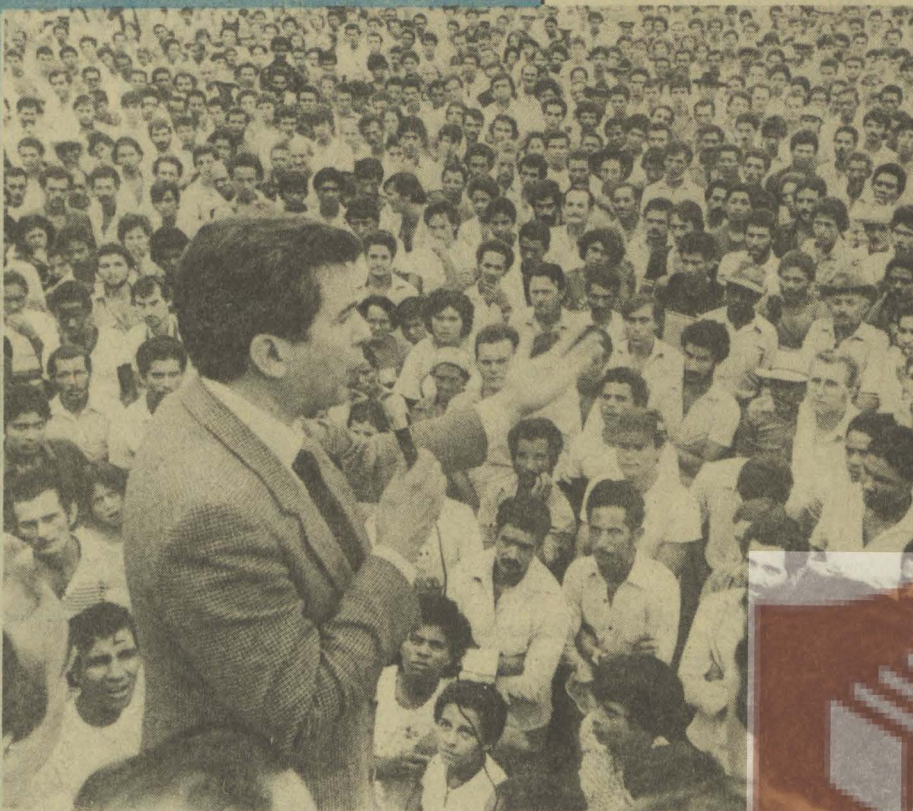
Sobre a continuidade da luta, ele diz: "Tem um segundo acordo — a estabilidade no emprego, serviço na entressafra". E também pretende expandir o sistema da Comissão formada em Guariba, com 19 trabalhadores, escolhidos por bairro — os não-sindicalizados entraram para sócio e hoje todos são delegados sindicais. "Nossa intenção — conta — é partir do delegado por bairro para chegar ao delegado em toda empresa. Queremos imitar Pernambuco, onde todo engenheiro tem o seu representante sindical."

Apesar dessa linha sindical mobilizadora e organizadora, Magalhães revela pouca consciência das grandes questões políticas. Faz questão de não adiantar uma posição sobre a campanha por eleições diretas, "porque, como dirigente sindical, até a lei me proíbe".

Porém no dia-a-dia da prática o presidente do STR de Jaboticabal sabe de que lado fica. "No ano passado — relata —, eu fui agredido na usina Santa Adélia, onde eu fui empregado 11 anos. Os puxa-sacos diziam: Olha aí o trouxa, que foi se meter com os usineiros. Mas eu não podia ceder."



Magalhães: a desgraça doce para o patrão



Assembleia que aprovou o acordo de Guariba: "Um marco comparável ao 1º de Maio"

Benedito é dos poucos que se refere a si e aos seus companheiros como bóias-frias — expressão considerada depreciativa e até insultosa. Os outros preferem chamar-se trabalhadores rurais, ou simplesmente rurais. Benedito não. Proclama-se *bóia-fria*, até com uma ponta de orgulho e desafio.

Casado (a mulher também trabalha na usina), ex-metalúrgico, com um filho, ele mostra fatos para provar que a greve sacudi a categoria: "Dois rapazes procurou a gente hoje, querendo bater um papo para a gente fazer uma força no Sindicato. Tem muitos que pensam assim, que podem estar até com a cabeça mais quente sobre isso. Eu sou um pé de cana igual aos outros. Para você ver, não sou sócio do Sindicato. Mas já estamos juntando uma turminha para daqui a uns dias já ter muitos até com carteira de sócio. Sertãozinho devia ter um bom Sindicato".

Hoje, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sertãozinho, longe de ser bom, "é mixuruca" e "está na estaca zero", conforme confessa seu próprio presidente, Alcides Ferreira. Alcides, ex-arrendatário ("nunca trabalhei de empregado", vangloria-se), no dia da greve foi tirado da cama depois que a paralisação já era um fato consumado. Levado para assembleia, recusou-se a abrir a boca.

Esta pasmaceira sindical, que afeta vários dos 26 Sindicatos de Trabalhadores Rurais da região de Ribeirão Preto, está começando a ser sacudida. Domingo,

dia 20, numa reunião à noite na subseção do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto em Sertãozinho, o presidente do STR foi encostado na parede por mais de 30 trabalhadores da cana, da comissão formada durante a greve. Nenhum era sindicalizado, mas a greve abriu seus olhos. "Senhor Alcides, por que o senhor não renuncia?" — disse um. "Se amanhã nós tivéssemos que parar de novo, o senhor concordaria?" — interpelou outro. Gérson Fernandes da Silva, demitido na véspera por exigir o pagamento segundo o novo acordo, fez questão de frisar: "Precisamos em Sertãozinho de um Sindicato mais forte e um presidente bem mais forte".

Neste clima novo, muitos diretores de Sindicatos da região terão que fazer a escolha: ou acordam também e avançam junto com a categoria, ou serão inevitavelmente postos para trás e para fora do movimento.

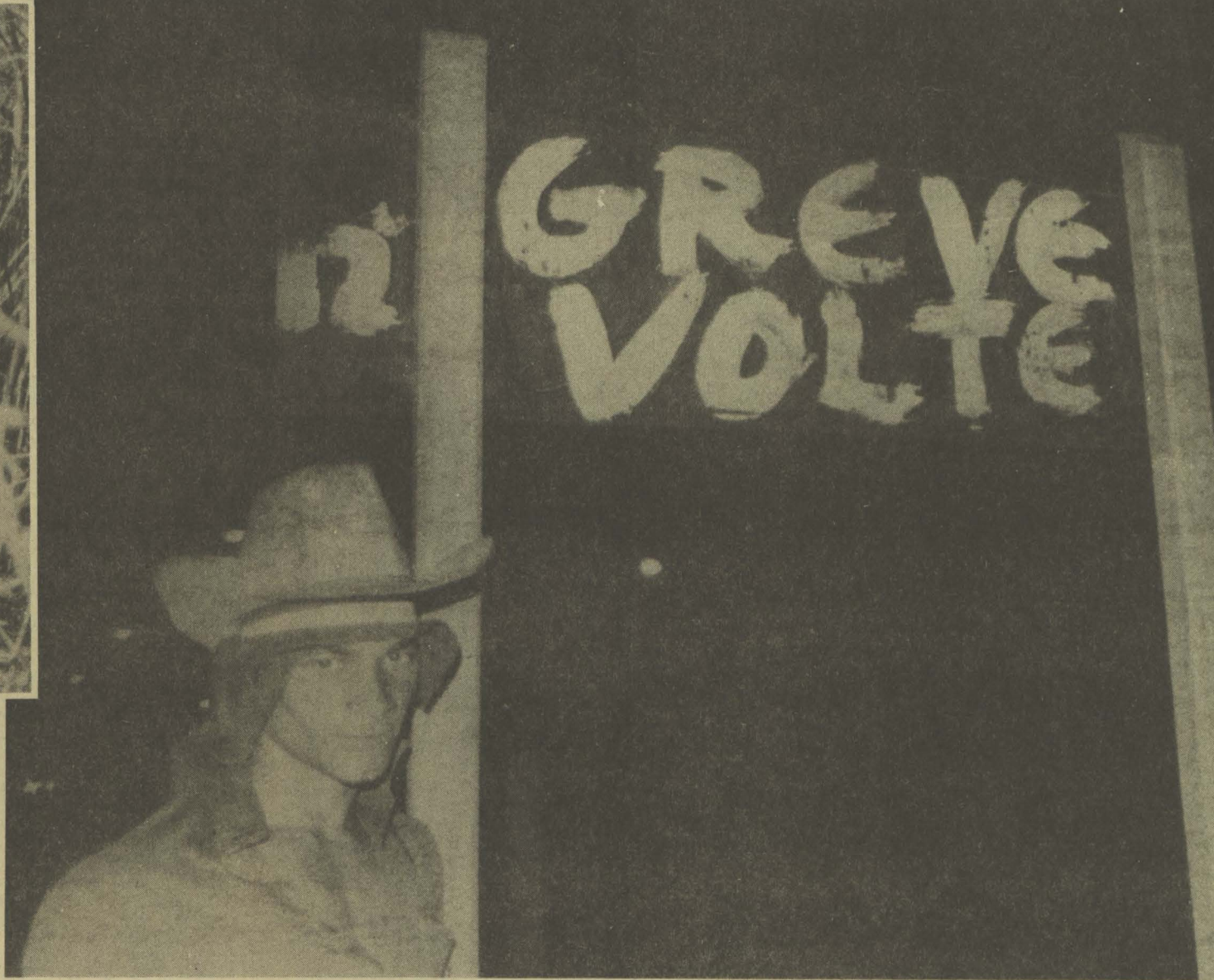
No conjunto dos trabalhadores rurais da cidade, o Sindicato ainda é uma coisa distante. Alguns nem sabem que ele existe. Mas não se encontra um que fale mal da greve. Nas madrugadas de Sertãozinho, há unanimidade naqueles homens e mulheres que esperam os caminhões dos *gatos* (empregueiros), ainda armados com seus podões — pesados facões para cortar a cana.

O senhor Eduardo explica: "Tava precisando dessa greve. Já passava do tempo. Eles é rico, rico, mas é assim" — e mostra a mão fechada. A Usina São Martinho, tida como a maior do Continente, tem 40 mil hectares plantados com cana e um avião para cada um de seus donos. Porém a marmita do cortador de cana quase sempre não tem carne. Às vezes um ovo, uma salada, uma batata. Em tempos de aperto, só arroz com feijão, ou mesmo arroz puro, temperado só com sal.

Antônio da Silva, 46 anos, também se orgulha da primeira greve que fez em sua vida: "Não fui trabalhar e não estou arrependido. Foi bom". Sua mulher cortou pé com o podão e teve ficar 20 dias parada, contudo a São Martinho só deu cinco dias de seguro.

Num dos conjuntos da Cohab da cidade, uma preta já de meia-idade, numa roda que comenta os acontecimentos, vai mais adiante: "Põe o Delfim Netto na minha frente e me dá um podão enferrujado, pra você ver o que que eu faço com ele!". (texto de Benedito Joffily, fotos Yone Simidzu)

GREVE VOLTE



União dos explorados

Sertãozinho, a poucos quilômetros de Ribeirão Preto, é um dos lugares do Brasil onde a classe operária fabril e os assalariados agrícolas estão mais próximos. Os Biagi, grandes usineiros, são também donos da maior indústria da cidade (a metalúrgica Zanini, 2.600 trabalhadores e uma ala exclusivamente destinada a produzir destilarias de álcool). Operários e rurais vivem nas mesmas casas simples da Cohab. A grande maioria dos metalúrgicos já foi cortador de cana. E, com a crise açoitando a indústria, muito operário desempregado trabalha hoje nos canaviais.

Isto cria condições excepcionalmente favoráveis à união entre os explorados da indústria e da lavoura. E de fato, na greve do dia 18, um papel importante foi jogado por metalúrgicos como o jovem Luís Garcia, hoje diretor do Sindicato e vereador do PMDB, mas que já cortou muita cana e tem várias dezenas de rurais na família.

Os diretores do Sindicato dos Metalúrgicos concordam que a greve dos rurais tende a mudar muita coisa. Hélio, que já cortou e carpiu cana três anos, destaca: "A vitória deu confiança. Eles mesmos diziam que era



Guerreiro: um bom exemplo

difícil fazer um movimento. Hoje dizem: A gente vai trabalhar, mas senão cumprir a gente pára de novo". Antônio Guerreiro, presidente dos metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho, canavieiro por 12 anos, dá um exemplo eloquente: "Quando a gente fez greve, em abril, eles passavam pela Zanini no pau-de-arara (caminhão) e gritavam: Vão trabalhar, seus vagabundos! Agora eles sabem como uma greve é importante".

Outro metalúrgico, na luta desde os tempos dueros da clandestinidade cita mais um fato: "A prova do que a greve mudou está na minha esposa, pedindo agora para fazer piquete. Me aderi em tudo. Desde que eu comecei a cortar cana, em 58, esperava para ver uma coisa dessas".



Almoço no canavial: nenhuma das marmitas tem carne dentro

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois